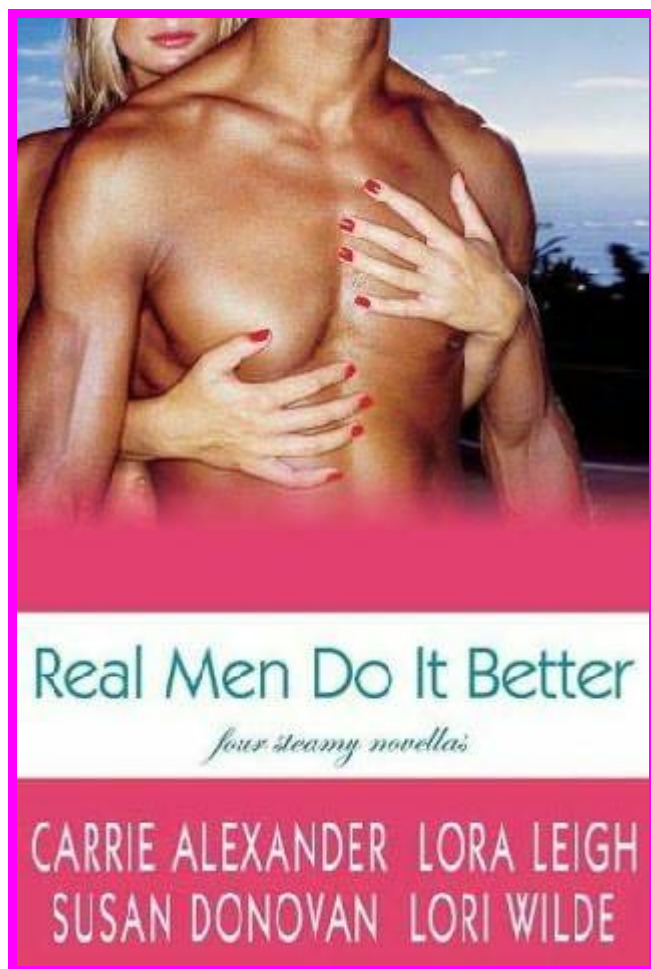


Lora Leigh
Pelo bem de Maggie
Tempting Seals 03



Disponibilização: Regina Evans
Tradução: Elís
Revisão Inicial: Ana Mota
Revisão Final: Ana Mota
Formatação: Livia

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

¹ Título da Antologia = *Real Men Do it Better* (Homens de Verdade Fazem 'Aquilo' Melhor).



Fazia dois anos que o melhor amigo de Joe tinha casado com Maggie. Dois longos anos em que Joe tinha lutado para esquecer que Maggie tinha sido sua, mesmo que apenas brevemente. Assumindo que Maggie amava o marido, ele lutou para aceitar, e ajudar o casamento de seu amigo e arrancar o amor por Maggie da cabeça.

Agora, tudo tinha mudado. Com todas as crenças antigas de Joe virando poeira, ele tinha que reexaminar tudo que pensava ser verdade. Ele estava pronto para achar a verdade enterrada, as mentiras e traições. Porque não importava o caminho que as evidências apontassem, ele não poderia acreditar que Maggie fosse culpada de cometer os crimes atrozes que o seu falecido marido a tinha tentado implicar de cometer nos diários.

A vida de Maggie Samuels tinha virado um completo pesadelo, do qual ela parecia não conseguir acordar. Mesmo o casamento estando morto, antes mesmo de ela se tornar viúva, Maggie não podia acreditar na extensão das coisas que o marido tinha feito para fazê-la parecer parte de uma operação criminal. Agora Maggie se achava à mercê do único homem que havia traído seu amor, Joe Merino. Apesar de nunca ter parado de amar Joe, ela tinha perdido a confiança e a fé nele há muito tempo. Ela terá que procurar em si mesma a confiança no único homem capaz de provar sua inocência.

Capítulo Um

Maggie Samuels estava pálida. Muito pálida. As sardas nas bochechas cremosas e ao longo da ponta do nariz se distinguiram claramente, enfatizando a fragilidade e as feições delicadas. Os lábios luxuriantes tremiam, os olhos verdes largos estavam chocados e cheios com lágrimas não derramadas.

E ele queria salvá-la. Joe Merino olhava através do semi-espelho, as mãos enfiadas nos bolsos da calça enquanto via Maggie colocar os braços através do tórax e olhar fixa e cegamente de volta para o detetive que a interrogava. O detetive Folker a estava questionado há horas.

O marido dela estava morto há menos de uma semana, um marido que supostamente a adorava. Que tinha vivido por ela. O mesmo homem que supostamente tinha sido amigo de Joe. E agora a vida de Maggie estava sendo ameaçada também. Por causa desse mesmo homem.

Joe sabia que não devia dar a mínima. Pelo que diziam, ela tinha entrado nisso sozinha; ele deveria deixá-la sair sozinha.

Isso era o que sua cabeça dizia. Mas o coração dizia algo diferente. O coração o assegurava de que não havia nenhum modo de Maggie estar envolvida. Ele já tinha dormido com esta mulher uma vez, segurando-a nos braços, e visto ela alcançar o clímax. Uma mulher que ele sabia que não tinha sangue frio o suficiente para estar envolvida nisso. Mas, ele nunca tinha suspeitado, nem por um segundo, que Grant

fosse parte da organização de Fuentes. Que ele tivesse ajudado a estuprar e torturar muitas das jovens que Fuentes tinha sequestrado.

E agora, aqui estava ele, dias depois da morte de Grant, tentando se preparar contra a ameaça de que mais alguém que ele gostasse pudesse estar envolvido no horror que a operação tinha se transformado. Que a própria vida dele pudesse ter se tornado tal bagunça.

Ele tinha deixado a amargura e a desconfiança que tinha por mulheres depois da decepção e morte da esposa há cinco anos ficar entre ele e a mulher que sabia que pertencia a ele. Inferno, ele sabia disso na época. Cada vez que pensava em ficar com Maggie para sempre, a memória da morte de Bettina pairava sobre ele como um espectro, assombrando-o. Ela tinha morrido ao deixá-lo. Ela e o namorado, muito drogados, tinham caído de uma ponte, matando a ambos. Ele não tinha conseguido abraçar a mulher com a qual tinha se casado, a mulher que tinha jurado amá-lo. E dois anos mais tarde, ele estava lá, apaixonado por Maggie.

Joe assistia Maggie agora, a mandíbula cerrada, os dentes do fundo moendo, enquanto o passado ameaçava tragá-lo. Dois anos e meio antes Maggie tinha pertencido a ele por alguns poucos meses. Mas ele não tinha tomado o que sabia que poderia ser dele. Maggie tinha saído de seus braços, e meses mais tarde tinha ido para os de Grant.

O problema era que ele não tinha parado de amar Maggie.

Ele olhava a sala de interrogações, lutando para ignorar o apertar no peito, o remorso, a ira e a luxúria. Ele estava lutando contra a cobiça há dois anos e meio. Uma fome que nunca tinha dormido, que nunca tinha aliviado, por uma mulher que ele nunca mais poderia ter.

Uma mulher que, parecia, estar envolvida em atividades ilegais com o marido.

Ele ignorou as entranhas se revirando com o sentimento de que ela não poderia estar envolvida, que ela era inocente. Era a mesma reação que ele teve quando tinha começado a suspeitar de que existia realmente um informante dentro de seu time. Ele tinha começado a investigação em todos os membros do time, exceto Grant. Ele tinha compartilhado as suspeitas com o amigo, discutido o melhor jeito de pegar o traidor. E Grant tinha simpatizado com ele, ficado bravo junto com ele, e fingido ajudar.

Deus, ele tinha sido um tolo. Da mesma maneira que estava sendo tolo novamente, querendo acreditar em Maggie quando as evidências contra ela estavam apenas aumentando.

-"Sra. Samuels, seu marido estava trabalhando para o Fuentes", o detetive Matthew Folker disse a ela, não pela primeira vez, o rosto rechonchudo e os olhos castanhos parecendo quase gentis enquanto a assistia. "Seus vizinhos o viram". Ele apontou para a foto de Diego Fuentes. "Assim como o sobrinho dele, Santiago Fuentes, e seu irmão, Jose, em sua casa. Com certeza você escutou algo, certo?".

Maggie agitou a cabeça, a queda sedosa dos cabelos vermelhos acariciando os ombros enquanto os lábios tremiam novamente. Ele sabia como Maggie reagia

quando estava escondendo algo. Os lábios não tremiam. Os lábios tremiam quando ela não podia entender a dor que sentia ou não conseguia entender como os eventos estavam se desenrolando. Os lábios dela tinha tremido quando tinha visto outra mulher nos braços dele, e o rosto tinha ficado com aquele mesmo branco pastoso.

- "Eu os vi. Eles foram até a minha casa várias vezes durante os últimos meses..."

- "Você se encontrou com eles", Folker acusou com a voz benigna, confiante.

- "Eu não me encontrei com eles". A voz era fina, cheia com medo. Enviando uma onda de fúria por Joe.

Ela estava mentindo? As evidências diziam que sim. Mas a evidência tinha vindo de Grant. E todos agora sabiam como Grant não tinha sido confiável. Até mesmo dois anos e meio atrás Joe soube que conhecia Maggie melhor do que conhecia o melhor amigo. Ele reconhecia isto, e isso o havia assustado demais.

"O agente Samuels deixou evidência de que você estava envolvida em suas atividades ilegais", o detetive repetiu. A acusação tinha sido repetida uma dúzia de vezes nas duas horas de duração da entrevista.

- "Deus. Não", ela sussurrou, enquanto uma lágrima deslizava e ela agitava a cabeça novamente.

- "Há prova de que você estava envolvida. Fotos, Sra. Samuels, assim como notas escritas. Estamos preparados para sermos indulgentes aqui. Dê-nos os retratos e as fitas de áudio que Samuels fazia de suas reuniões com a família Fuentes e nós esqueceremos sua parte nisso".

Ela agitou a cabeça novamente, respirando aos arrancos enquanto encarava o detetive.

- "Sra. Samuels", Folker suspirou, passando a mão pela cabeça calva enquanto ele a encarava de volta, um vislumbre de compaixão nos olhos. "Você gostaria de chamar seu advogado? Nós temos provas de que a senhora está envolvida. Se está assustada..."

- "Eu não sei de nada". As mãos se apertaram na parte superior dos braços, as unhas cravando na própria carne enquanto um soluço ecoava na voz. "Não preciso de um advogado porque não sei o que Grant estava fazendo. Nós mal nos falávamos há meses".

- "Sra. Samuels, é muito tarde para este jogo". Folker bateu a mesa em frustração. "Olhe para as malditos fotos". Ele apontou para as fotos das jovens assassinadas nos últimos dois anos; horrendas fotos no necrotério. "Olhe para elas, Maggie. Ele ajudou a fazer isto. Você ajudou..."

- "Eu não fiz isto", ela gritou de volta, lágrimas lavando as bochechas enquanto encarava o detetive.

- "Eu não sabia. Eu não tenho nada com isto. Juro por Deus que não. Por favor..."

Maggie abaixou a cabeça, os ombros movendo aos arrancos com os soluços que estava lutando para conter, enquanto Folker se debruçava para trás na cadeira

e olhava por sobre o ombro para o espelho atrás. A desaprovação em seu olhar era firme. Ele não gostava do que estava fazendo a ela, o que tinha sido ordenado a fazer. O detetive Folker não acreditava que Maggie pudesse estar envolvida. E, Joe admitiu, ele não podia acreditar também.

Joe girou a cabeça para o promotor de justiça de pé ao lado dele, assim como o promotor federal que observava o interrogatório.

- "Eu não acho que ela saiba, Mark", ele suspirou exausto. "Pelo menos, não que ela esteja ciente".

- "Santiago e o tio dele, Jose, estarão fora da prisão antes que o dia acabe", Mark Johnson murmurou. "Nós não podemos negar fiança neste momento por causa das ameaças que o juiz recebeu. Nossa única chance é uma armadilha. Se ela sair deste escritório sem nos dar as informações, está morta".

- "Nós não podemos protegê-la, agente Merino", Andrew Jordan, o promotor federal enviado para vigiar a interrogação falou mais alto. "Ela é nossa única esperança neste momento".

Joe respirou lenta e profundamente. Enquanto olhava para Maggie, viu Grant, o rosto marcado com ódio enquanto se preparava para matar Morganna Chavez quando não conseguiu levá-la para a saída do clube e para Fuentes. A tentativa de sequestro, drogar as mulheres antes de seus estupros, a morte do agente Lyons. Tudo caía aos pés de Grant, e agora de sua esposa, Maggie.

- "Nós estamos certos de que ela poderia ter obtido acesso às informações?", Joe perguntou enquanto cruzava os braços em frente ao tórax, ignorando a demanda instintiva de que fosse até ela, abraçasse-a e tirasse o medo de seus olhos.

- "Estamos certos de que ela viveu com ele por dois anos. Ela teria visto ou ouvido algo, ainda que não estivesse envolvida. Achamos tantas mentiras naqueles malditos diários para aceitar só a palavra dele", Johnson Grunhiu. "O que dizem nas ruas é que há dinheiro pela cabeça dela. E Grant teria tentado cobrir o próprio traseiro. Ele tinha a evidência, eu suspeito; a pergunta é onde".

- "E se ela não souber de nada, consciente ou inconscientemente?", inconscientemente, sim, ele apostava que ela sabia de algo. Conscientemente? Ele não podia forçar a própria mente a acreditar. Maggie nunca seria capaz de viver com os estupros e as mortes daquelas mulheres. Não era possível.

- "Se ela não souber, morrerá da mesma maneira. Nós não podemos fazer qualquer coisa para protegê-la se ela não cooperar", Jordan respondeu.

- "Ela confia em você, Joe. Ela perguntou por você quando nós a trouxemos esta manhã".

Havia uma pergunta na voz do promotor de justiça, uma que Joe claramente percebeu. O promotor de justiça estava bem ciente do fato de que Joe e Maggie tinham se envolvidos em um caso. Os diários irracionais de Grant estavam cheios com notas furiosas do fato.

- "O que você quer que eu faça?", Joe se armou de coragem contra a negação furiosa dentro de si. Ele não podia interrogar Maggie. Isso destruiria ambos.

- "Nós precisamos de provas, Joe. Sem isto, o sobrinho e o irmão sairão e a Marinha nunca achará o informante responsável pela morte daquele Navy SEAL² e as jovens que a droga destruiu". Johnson suspirou.

Joe queria confiar nela, queria abraçá-la, tirar seu medo e a prometer a ela que tudo iria ficar bem. Ela era a esposa do seu melhor amigo... A mandíbula dele cerrou. Não, Grant não tinha sido seu amigo—a ilusão da amizade, da fraternidade, tinha sido um jogo, nada mais.

Desde a morte de Grant, a profundidade de sua deslealdade tinha sido lentamente revelada. Ele estava na vida dupla há anos. Mais anos do que Joe poderia ter imaginado.

- "Você me conhece, Matthew". Joe ouviu o sussurro de Maggie claramente através do semi-vidro. "Eu não me envolveria nisso".

Joe nunca teria pensado que ela estivesse envolvida nisso, mas novamente, ele nunca teria acreditado que Grant o trairia. A evidência tinha sustentado seu envolvimento. Agora ele não tinha mais nenhuma escolha a não ser ir com a evidência, a prova tangível em vez de suas emoções. Porque as emoções dele não eram confiáveis. Porque a vida de Maggie dependia do fato de ela saber de algo, quer ela percebesse isto ou não.

- "Maggie, nós temos a evidência". Matthew deitou os braços sobre a mesa enquanto se debruçava adiante. "Prova que você estava na casa durante as reuniões, que você sabe onde as fotos e as gravações estão escondidas. A mentira não vai te ajudar".

- "Eu não estou mentindo para você". Ela bateu a palma da mão na mesa, o temperamento irlandês finalmente vindo à tona. "Eu não sei do que você está falando, Matthew, e não vou dizer de novo. Eu não sabia o que Grant estava fazendo".

Apesar do temperamento, ela estava tremendo. Ele podia ver a corrida dos tremores pelo corpo, ecoando nos lábios.

- "Eu cuidarei disto". Foi a promessa que Joe fez não apenas pelo promotor de justiça mas por Maggie.

Ele era um tolo. Nenhum tolo maior do que ele já havia nascido, e ele sabia disso.

Johnson o assistiu calado. Joe podia sentir o olhar do homem sobre ele enquanto ele olhava através do semi-espelho para Maggie.

- "Como?".

- "Fuentes já pôs um preço pela cabeça dela. Ela morrerá sem proteção, ou até que nós possamos pegar a evidência que ela tem. Eu a levarei para uma casa segura e verei se consigo esgotá-la até ela falar".

² O United States Navy Sea, Air and Land, mais conhecidos como US NAVY SEALs, é uma Força de Operações Especiais da Marinha dos Estados Unidos especializada na guerra não convencional, ação direta, antiterrorismo e reconhecimento de terreno.

- "Se isso não funcionar?", os olhos de Andrew Jordan estavam estreitos enquanto Joe olhava para o promotor de justiça por sobre o ombro do homem mais velho. Andrew Jordan era um homem alto, de cabelo ralo, com olhos de falcão e um queixo que se sobressaía combatente. Era o terror da capital e um buldogue quando o assunto eram os casos em que estava envolvido.

- "O que você quer, Jordan?", ele lutou contra a raiva que erguia dentro dele. "Prender Maggie e apavorá-la não vai ajudar a ninguém neste momento, e ele não conseguirá a evidência contra a quadrilha do Fuentes. De acordo com o diário de Grant, o casamento com ela era muito longe de ser perfeito. Ela não o protegeria".

- "Ela não seria a primeira mulher a seguir o dinheiro, Merino. Você sabe disto", Jordan assinalou, claramente se referindo ao rico bastardo com o qual a primeira esposa dele tinha morrido.

Era conhecido o fato de Joe ter se recusado a tocar o dinheiro que os pais haviam disponibilizado para ele. Ele tinha usado a herança que o avô tinha deixado, mas o dinheiro dos pais ele nunca tinha tocado. Não por causa de alguma raiva ou hostilidade ao dinheiro ou aos pais. Não havia nenhuma. Ele os amava, por mais intrometidos e mal-humorados que pudessem ser. Mas ele não queria o dinheiro. Com a herança que tinha e seu salário, ele tinha mais do que precisava. Mais do que Bettina teria precisado se não tivesse se envolvido com as drogas.

- "Se Maggie quisesse o dinheiro, não ajudaria a matar para pegá-lo", ele grunhiu. "Dê-me uma semana, talvez duas. Deixe-a comigo e eu verei o que posso descobrir".

- "Ela terá que ir voluntariamente", Johnson o advertiu. "Nós não podemos tornar isto oficial".

- "Ela irá".

Maggie tinha confiado nele há muito tempo. Um dia, ela poderia até tê-lo amado. Ele tinha aceitado a culpa do passado nos ombros. Isso não significava que ele permitiria que mais vidas fossem perdidas por causa do ódio de Grant e sua cobiça.

- "Deixarei em suas mãos então", Jordan murmurou.

Mark Johnson anuiu com a cabeça então. "Mantenha-me informado, Joe, e rápido. Precisamos das informações para já".

Maggie estava se dizendo a uma semana que acordaria, que isto era tudo um sonho horrível, que a qualquer minuto ela iria acordar e veria que tudo havia terminado. Mas, enquanto se sentava na sala de interrogação e via o olhar suspeito de Matthew Folker, ela percebeu que não iria acordar. Não era um pesadelo, era a realidade.

Onde estava Joe? A pergunta ficava correndo por sua mente, rasgando suas emoções. Ela não tinha pensado que Joe a abandonaria, que ele permitiria que o

detetive Folker a questionasse sem sua presença. Eles tinham sido amigos um dia, mais do que amigos.

Ele tinha amado Grant como um irmão, e nunca tinha percebido como Grant o odiava. Mas Maggie sabia. Por dois anos ela tinha escutado a ira de Grant por Joe. A inveja mesquinha e a fúria que Grant sentia pelo homem e que tinham começado a assustar Maggie alguns meses depois de seu casamento.

- "Maggie, deixe-me te ajudar". Matthew tinha se debruçado para mais perto, os olhos castanhos compassivos enquanto a assistia. - "Nós não estamos interessados em te processar, não se recebermos as informações. Caso contrário...", caso contrário, eles a marcariam com qualquer evidência forjada que Grant tivesse deixado.

- "Então, não importaria se eu tivesse sido uma parte disso?", ela acusou enquanto acenava para os retratos à frente, as fotos das jovens no necrotério que tinham sido mortas por causa da droga horrível que Grant tinha ajudado a distribuir. "Contanto que você consiga qualquer coisa que Grant tenha escondido, então irá apenas passar uma borracha por cima de tudo?".

- "Eu te prometo, Maggie. O promotor de justiça irá escrever..."

- "Então você é um tolo", ela gritou enquanto ficava de pé e agarrava a foto mais próxima e a batia no rosto dele. "Olhe para ela, você, Matthew. Ela foi brutalizada. E você está disposto a deixar ir embora alguém que suspeita que tenha sido capaz de ajudar nisto?".

Ela estava tremendo violentamente e podia sentir o próprio interior começar a querer se partir. Ela não podia lutar mais contra as lágrimas, ou a ira. Ela queria sair daqui, queria ir para casa, e então achar o que quer que fosse que deveria achar e jogar no rosto de Folker.

- "Sente-se, Maggie". Ele se sentou de volta na cadeira, tranquilo e distante.

Ela conhecia o detetive há quase dez anos, desde que tinha vindo à delegacia com o pai quando ele trabalhava no jornal. Era com o mundo dela assim como o escritório do jornal.

- "Não me diga para me sentar". Ela agitou a cabeça furiosamente. "Eu não fiz isto, Matthew. De forma nenhuma". Ela apontou um dedo trêmulo para as fotos entre eles. "E se você tivesse a evidência que diz que tem, você e aquele filho da puta do Jordan teriam me prendido enquanto ele estava cuspidando as acusações na minha cara mais cedo".

A porta se abriu nesse segundo. Maggie se virou, o coração explodindo ao ver o peito do homem de pé lá, alto, distante, os olhos castanhos tão frios e duros como se fossem farpas de gelo escuro.

- "Não, Maggie, eles não teriam prendido você", Joe disse a ela suavemente. "Porque eu não deixaria. Agora pegue as suas coisas e vamos dar o fora daqui".

Dar o fora? Para onde? Ela pensava que ele seria sua salvação, que se alguém acreditasse nela, esse seria Joe. Mas enquanto ela olhava as profundidades duras e

frias dos olhos dele, ela estava terrivelmente com medo de que Joe não acreditasse nela mais do que qualquer um deles acreditava.

Capítulo Dois

Uma semana mais tarde

Maggie olhava para a manhã nublada das Montanhas da Carolina do Sul e contemplava seus erros. Erros do passado, erros do presente, e como eles levavam ao futuro. Ela tinha vinte e oito anos e poderia não chegar aos vinte e nove. As escolhas que ela tinha feito no passado, há dois anos e meio a tinham levado para esta montanha, esta cabana, e o homem que ela não podia esquecer.

Ela tinha sido uma tola. Dois anos e meio antes de sair da vida de Joe Merino, acreditando que tinha saído a tempo de salvar o coração, continuar e achar a felicidade com outra pessoa.

Ele não a havia amado. Eles eram bons demais na cama, mas ele tinha deixado claro que não queria ou precisava dela em sua vida. Muito claro. Outra mulher pendurada nos braços dele tinha deixado ainda mais claro.

Ela dobrou a perna sob o corpo, dobrando o corpo mais apertado na cadeira de balanço na varanda aberta na cabana de madeira para qual Joe a havia trazido uma semana antes.

Esse tinha sido o início de sua queda ao inferno. Ela tinha cortado todas as ligações com Joe Merino dois anos e meio antes. Vários meses mais tarde, ela tinha encontrado Grant Samuels. Seis meses depois de terem se encontrado, eles se casaram.

Ela deveria ter percebido. O momento em que soube que Grant fazia parte da academia de execução da lei, deveria ter fugido. Mas Grant era um detetive no Departamento de Polícia de Atlanta no momento, e Joe tinha sido um agente no DEA³. Eles poderiam conhecer um ao outro, mas nunca tinha ocorrido a ela que eles pudessem ser tão próximos. E Grant manteve o segredo até poucos dias antes do casamento.

Ela deveria ter cessado bruscamente o compromisso no dia em que soube que Grant e Joe não apenas se conheciam, mas que supostamente eram melhores amigos. E ela teria, exceto pelo fato de Grant ter implorado, ter jurado que a amava, e o fato de o casamento estar a poucos dias.

³ DEA – (Drug Enforcement Administration) ou Força Administrativa de Narcóticos é um órgão da polícia federal do Departamento de Justiça dos Estados Unidos encarregado da repressão e controle de narcóticos.

Grant tinha dito que sabia sobre ela e Joe, e não tinha dito a ela quem ele era porque tinha horror a perdê-la. Tinha sido a verdade, considerando como ele facilmente a havia usado, como ele realmente tivera a intenção de usá-la.

Ela amava Grant. Ou pensava que amava. Dentro de meses ela tinha aprendido que o homem que amava não existia. Grant tinha se casado com ela porque acreditava que Joe gostasse dela. Ela tinha sido um troféu, algo para atormentar Joe, e nada mais.

Ela tinha tentado deixá-lo. Três meses depois do casamento ela tinha partido, apenas para aprender a verdadeira natureza do homem que chamava de marido e as informações que ele tinha reunido para se assegurar de que ela nunca se divorciasse dele. Com informações que destruiriam o pai dela.

E agora aqui estava ela, ainda lutando para escapar do inferno de um casamento que tinha sido condenado desde o começo. Mais velha, mais sábia, e mais certa do que nunca que Joe Merino acabaria partindo seu coração, se as decepções com Grant não acabassem conseguindo matá-la antes.

Onde ele teria escondido as informações que Joe precisava tão desesperadamente? As informações que selariam o caso do governo contra o resto da família do Fuentes? Inferno, será que ele tinha mesmo a prova que seu diário declarava que tinha? Todo o resto no maldito livro tinha sido mentira.

Oh, ele realmente tinha conseguido estragar a vida dela completamente. O diário reivindicava que ela sabia o local da prova que ele tinha contra a família Fuentes. Retratos e fitas de vídeo de Santiago e Jose Fuentes junto com Roberto Manueto, o general do cartel que tinha sido morto na noite em que Grant tinha tentado sequestrar uma agente do DEA, coordenando as drogas e os estupros de mais de uma dúzia de mulheres nos últimos dois anos. O local do laboratório onde a droga era criada e até mesmo as identidades de várias figuras políticas influentes envolvidas com Fuentes.

Na última semana, Maggie tinha aprendido exatamente por que o departamento de polícia estava tão ávido para tirar algumas das acusações que tinham contra ela em retorno das informações que estavam procurando.

Então por que o bastardo do Grant não poderia ter escrito isto no diário com todas as mentiras que tinha escrito contra ela?

Ele podia ter incluído alguma verdade, apenas para variar um pouco.

Ela passou os dedos pelo cabelo, os pensamentos deixando-a exausta. Não havia nenhuma resposta, e a suspeita fria nos olhos de Joe a estava matando. Ele tinha mudado desde a morte de Grant. Desde que tinha sido forçado a matar Grant. Havia uma extremidade de gelo inflexível em sua expressão, nos olhos, que não tinha estado lá antes. A diversão que sempre espreitava o olhar cor de chocolate, a sensualidade; a diversão que sempre curvava os lábios.

Até quando eles discutiam, quando ela saiu da relação que eles tinham, havia remorso, tristeza, suavidade. Não havia nada disso agora. Esse não era o homem para o qual ela tinha dado o coração.

Então por que ele a estava protegendo? Por que ele se importava? Essas eram perguntas que ele tinha se recusado a responder desde a chegada deles na cabana, perguntas que continham nada mais do que um frio silêncio.

Nesse ritmo, ela teria uma úlcera antes do mês acabar.

- "Você é um alvo fácil sentada aqui".

Maggie vacilou com o som da voz dele vindo da entrada. A sensualidade sombria no tom não podia ser escondida, não importava o quão friamente furioso ele pudesse estar. Pulsava sob o tom de gelo e enviava um calor pelo corpo dela.

Ela odiava isto. Odiava responder a ele, sem se dispor e sem desejar, tinha aprendido que não tinha esperança de se controlar.

Ela olhou para a floresta, assistindo a subida da névoa como um véu de sonhos acima das copas das árvores para encontrar o calor do sol nascente.

"Se a família Fuentes soubesse onde estou, então eles já teriam me atingido". Ela encolheu os ombros, desejando ter colocado um sutiã embaixo da camiseta solta com a qual tinha dormido.

Os mamilos estavam enrijecendo, os seios estavam inchando, e não era a hora para isto. Ela podia sentir a sensação de expectativa nascente construindo dentro dela. Ela tinha passado uma semana com Joe, a sós, e a tensão estava apenas piorando a cada dia.

- "Você não está mostrando muita fé nas minhas habilidades protetoras", ele grunhiu.

- "Claro que estou". Ela continuou olhando a floresta; ela não iria olhá-lo. Fazer isso iria apenas excitá-la ainda mais. - "Estou sentada aqui assistindo o orvalho encontrar o amanhecer, com a visão clara. Veja, eu confio em você para saber que estou bem escondida".

- "Você faz tanto sentido agora quanto sempre". A voz dele ficou rude. "Venha para o lado de dentro, eu fiz café".

Sim, ela estava sentindo o cheiro pela última meia hora, tentador, forte, provocando seus sentidos. Assim como Joe fazia.

Isto não iria dar certo.

- "Você está sentado aqui fazendo beicinho", ele acusou quando ela não se moveu para segui-lo.

- "Eu não faço beicinho, Joe", ela o lembrou. "Eu penso".

- "Você pensa demais então", ele rosnou. "Agora traga o seu traseiro para dentro de casa. Talvez o café melhore o seu humor".

Ela cerrou os dentes. Não iria discutir. Discutir com ele era um exercício sem sentido.

Era como bater a cabeça contra a parede. Ela apenas acabava se machucando.

- "Eu não tenho mau humor". Ela estava contida. Diabo, ele ainda estava vivo, não é?

- "Hm-hum". Isso era diversão que ela tinha ouvido na voz dele?

Depois de uma semana?

Ela não pôde evitar, girou e olhou para ele e os sentidos entraram em sobrecarga. Ele não estava usando camisa. Os músculos delgados contornavam o tórax e o pêlo emaranhado trazia memórias que eram melhores esquecidas. Memórias que ela nunca tinha esquecido.

O calor dele foi até ela, as coxas dele abrindo as dela, sentindo o membro dele cutucar contra o sexo dela, enchendo-a lentamente, montando-a ferozmente.

Maggie estremeceu enquanto sua vagina cerrava com um espasmo súbito de necessidade faminta, um mover de luxúria enquanto a umidade aquecida começava a prepará-la para um toque que certamente não viria. Ela tirou os olhos do tórax dele e os ergueu para o rosto. A barba crespa, o crescimento mais escuro em contraste com o loiro escuro do cabelo que emoldurava o rosto. Os dois dias sem fazer deixavam-na quase preta, e davam a ele uma aparência de pirata que era de encher a boca d'água, impedindo as palavras. Deixava os lábios dele parecendo mais sensuais, mais perfeitos para lambe. E ela realmente queria lambê-los.

- "Vamos, Maggie. Café e comida. Então nós podemos conversar". Ele estendeu a mão para ela, o gelo que enchia os olhos na última semana descongelando, aquecendo.

Maggie lambeu os lábios nervosamente, sentindo a corrida do coração no peito, as terminações nervosas ficando sensíveis. Ela se ergueu da cadeira, mas ignorou a mão estendida enquanto o observava cautelosamente. Ele era como um maldito camaleão, e as mudanças abruptas estavam deixando-a sem equilíbrio.

- "Então onde está o irritadinho com o qual passei os últimos sete dias?", ela perguntou enquanto se movia ao redor dele para entrar na cabana, sentindo as paredes se aproximando enquanto ele ia atrás dela.

Ele tinha esse hábito, sugar todo o espaço de um cômodo até que nada permanecia exceto ele. Pelo menos, isso era tudo que ela estava ciente. O tom vermelho morno e alegre, os suaves e desertos marrons tinham sumido para ela. O sofá era largo, confortável. Joe gostava de fazer amor em sofás. Chãos. Mesas de café. Bancadas de cozinha.

Ela andou depressa, dando a ele bastante cômodo enquanto o canto dos lábios se abria com um sorriso.

- "A mesma Maggie cautelosa", ele disse enquanto passava por ela e se dirigia para a cozinha. "Quanto tempo eu levei para te conseguir na minha cama na primeira vez?".

- "Não foi demorou o suficiente", ela declarou. - "E não vou fazer sexo com você novamente, Joe". Sim. Certo. O corpo dela estava de acordo com isso. Em outro segundo, a umidade nas dobras de seu sexo iria começando a molhar os fundos do pijama. Se já não estava úmido.

- "Nós estamos dormindo na mesma cama..."

- "Essa não é a minha escolha", ela discutiu, enquanto ele dava uma olhada rápida por sobre o ombro, dando a ela um olhar travesso. "Você não me deixa dormir no sofá".

- "Claro que você pode". Ele encolheu os ombros bronzeados negligentemente. "Mas será terrível nós dois apertados lá".

Há sete dias que ele insistia nisto. Ela o seguiu lentamente para a cozinha, admirando os contornos apertados da calça jeans baixa que ele tinha apenas fechado o zíper, mas não tinha abotoado. Sim, ela tinha pegado esse pequeno detalhe lá fora na varanda.

- "Quanto tempo mais vamos ficar aqui?", ela finalmente fez a pergunta que tinha pairado nos lábios há dias. "Quando você vai desistir, Joe?".

- "Quando a família de Fuentes estiver morta". Ele foi até a cafeteira, ergueu-a e despejou o líquido nas xícaras à espera.

A resposta dele chocou-a. Antes, a resposta dele teria sido que o culpado estivesse atrás das grades, não morto.

- "Eu só quero saber como eles administraram a liberdade sob fiança", ela suspirou, movendo-se para a mesa da cozinha à medida que ele se virava, as xícaras de café firmemente seguras nas mãos.

- "Um dos tenentes do Fuentes pagou ao juiz. Nós temos o dinheiro e a evidência na mão. O juiz Gilmore não ficou muito contente com a oferta. Ele podia pegar o dinheiro e deixá-los sair, ou seus netos poderiam sofrer as consequências. Nós optamos aceitar o suborno, gravar, e agora temos o dinheiro em um local seguro até que seja necessário. Com impressões digitais de Jose e Santiago".

Ela não podia ter ficado mais surpresa se ele dissesse que era o Papai Noel.

- "E isso não é o suficiente para prendê-los durante algum tempo?", ela perguntou, pasma.

- "Nós precisamos de tudo, Maggie. Nós os queremos presos para sempre, se eles forem espertos o suficiente para viverem até o julgamento. Eu não os quero livre por causa de um detalhe técnico. E não quero famílias assassinadas para prendê-los".

Maggie o encarava cheia de suspeita. Ela o estava questionado há uma semana, e ele finalmente estava dando as respostas que ela procurava: por quê?

- "Se eu sou suspeita de ser parte disso, então você não está colocando várias pessoas em perigo ao me contar?".

O olhar estava coberto enquanto ele dava uma olhada rápida de volta para ela antes de encolher os ombros.

- "Não acredito que você seja parte disso".

Oh, sim, ela realmente acreditava nessa frase depois desse tempo todo.

- "Então eu estou aqui por quê?", ela o questionou enquanto ele colocava o café na frente dela. "E eles ainda estão soltos sob fiança por qual razão?".

- "Nós precisamos da prova que Grant escondeu e a família Fuentes ainda acredita que você a tem". Joe sentou na cadeira em frente a dela, assistindo-a continuamente.

- "Você não sabe onde está; isso significa que a sua vida ainda está em perigo. E a Navy ainda precisa do informante. Há muito em jogo aqui para arriscar um

julgamento com a pouca evidência que temos dos dois ajudando e auxiliando Diego. Se quisermos fechar este cartel e parar com a droga, então temos que fazer isto antes”.

Ah, então a verdade estava emergindo, talvez. "Você está me usando..."

-"Inferno, não!", a raiva relampejou através da expressão dele. -"Você não é a isca, Maggie. Não importa o que pense. Eu te disse que te protegeria, e estava falando sério”.

E ela não tinha confiado nele, nem por um segundo. Medo corria pela espinha dela enquanto o encarava de volta, de repente se perguntando até aonde ele iria para capturar os homens de Fuentes. Mas ela sabia até aonde ele iria, ela se lembrou. Ele culpava mais a família Fuentes pelo que havia acontecido do que culpava o próprio Grant.

-"E o promotor federal acha que eu estou escondendo estas informações?", ela perguntou, sem se preocupar em esconder o escárnio na voz. -"Você desistiu de pensar isso, Joe?”.

Ele balançou a cabeça enquanto a considerava por vários segundos. -"Você não sabe onde está. Isto com certeza”.

-"Oh, você é tão bom”. Ela teria chorado se não machucasse tanto. A verdade estava lá nos olhos dele, a suspeita, o cálculo. Outros poderiam não ter reconhecido, mas Maggie viu e soube pelo que realmente era. "Você realmente espera que eu acredite nessa droga, Joe? Você acha que eu sou estúpida?”.

-"Pelo contrário, você não é estúpida mesmo. Suspeita, sim”, ele a repreendeu com um gesto divertido. "Mas não estúpida”.

Maggie ignorou o café diante dela, o cheiro de repente tão sem atrativo quanto às mentiras que passavam pelos lábios dele. Ficando de pé devagar, ela o encarava impassivelmente, lutando para esconder a dor explodindo dentro do corpo.

"Você mudou, Joe”, ela sussurrou. - "Nunca achei que fosse um mentiroso. Um imbecil e esquentadinho talvez, mas não um completo mentiroso. Parabéns, você fez o impossível. Fez a minha opinião sobre você piorar ainda mais do que há dois anos e meio”.

Girando nos calcanhares, ela se moveu para sair da cozinha, para colocar distância entre si mesma e os jogos dele, suas mentiras. Ela odiava mentiras. Ela se odiava. Porque ela queria acreditar nele, queria confiar na excitação e no calor que aqueciam os olhos dele, da mesma maneira que queria acreditar que ele podia confiar nela, uma única vez. Ela era uma tola.

-"Não, não faça isso”. Ela parou abruptamente enquanto ele saltava da cadeira, a mão alcançando a parte superior do braço dela enquanto ela se movia para passar por ele.

O choque da carne dele tocando a dela, o calor e a força do gesto quase tomou o ar dela.

-"Deixe-me ir”. Ela se moveu contra o aperto dele, sentindo a raiva crescer dentro de si, a dor queimando no coração.

- "Não vou te deixar ir, Maggie". Ele grunhiu de repente, virando-a enquanto a mão livre enterrava no cabelo dela, os dedos fechando nas mechas. Ele puxou a cabeça dela para trás e olhou bem nos olhos dela ferozmente. - "Eu não te deixarei ir e não te deixarei morrer. Minta para mim o quanto precisar. Foda-se. Eu pegarei Fuentes no fim, mesmo que tenha que matar para fazer isto. Mas eu não te deixarei ir".

- "Você não tem escolha". Ela empurrou contra o tórax dele, desesperada para escapar, se livrar da firme tentação de seu corpo. - "Eu não pertenço a você, Joe, não mais..."

- "Por Deus, você sempre me pertenceu. Sempre".

Antes que ela pudesse pará-lo, a cabeça dele abaixou, os lábios cobrindo os dela e o tempo parou. Havia apenas o beijo de Joe. Os lábios se movendo contra os dela, a língua deslizando, perfurando os lábios, movendo-se entre eles em um beijo feroz, dominante.

Os dedos dela enrolaram contra o tórax dele, então se estenderam, as terminações nervosas se banhando com a sensação dele, lembrando, apreciando os pelos curtos e encaracoladas em suas palmas, o calor ígneo sob a carne.

Contra a parte inferior da barriga dela sentia a ereção apertando através do tecido da calça jeans. Os braços a envolviam, o beijo a intoxicava.

- "Joe", ela gemeu enquanto os lábios dele deslizavam pela bochecha dela, até a mandíbula. - "Não faça isto".

Não fazê-la sentir novamente. Não fazê-la sentir dor por todas as coisas que sabia que não podia ter. Não fazê-la amá-lo mais do que já amava.

- "Eu sonhei com você". A excitação e a raiva pulsavam na voz enquanto ele mordiscava a orelha dela. - "Por mais de dois anos eu me lembrei de como era te sentir embaixo de mim, ouvir a suave arfada na sua voz quando você gozava embaixo de mim, sentir o seu corpo apertando ao redor do meu. Eu me lembrava, Maggie, e me deixava louco".

Ela gemeu com a dor que a envolveu, o desejo, o remorso e a tristeza que a enchiam.

- "Isso não consertará o passado". Ela apertou os dedos no bíceps dele, sentindo o poder e a tensão que vibrava em seu corpo. - "Não resolverá nada, Joe".

Ele queria castigá-la. Ela podia sentir pulsando no ar ao redor deles, sentir com as mordiscadas ao longo do pescoço, os pequenos beijos, e a marca de sua ereção contra ela.

Mesmo enquanto a cabeça dela gritava uma advertência contra o toque dele e a probabilidade de ter o coração partido, ela se sentia relaxando, se debruçando contra ele, a resposta que ele sempre comandava saltando pelo corpo dela.

- "Eu sei de uma coisa que definitivamente resolverá". Uma mão deslizou pelas costas dela, agarrando uma nádega, e erguendo-a para ele.

Maggie gemeu ao sentir o membro dele pulsar entre suas coxas, os lábios dele em seu pescoço, a língua deslizando eroticamente na pele. O sangue pulsando

quente e rápido pelas veias, aquecendo a carne, sensibilizando as terminações nervosas, enquanto a luxúria começava a se reunir ao redor deles.

O desejo surgiu dentro dela. Mais de dois anos de desejo, de necessidade, sofrendo com a inquietude e a sombra de descontentamento que passavam em sua mente, culminavam aqui. Nos braços de Joe. Seu toque. Seu beijo. Essa era a droga que ela nunca tinha se recuperado, e que muito provavelmente a destruiria.

Capítulo Três

Sentir os lábios dela embaixo dos dele, o corpo junto ao dele, era o céu e o inferno. Memórias o inundavam, e seguiam por seu corpo, uma luxúria que apertava suas bolas e faziam a fome correr pelos órgãos. Essa era Maggie. Ruiva e ígnea, uma necessidade que ele nunca exorcizava de seu coração. Uma fome que ele não podia esquecer. Não importava o quão duro tentasse—e ele havia tentado, por dois anos e meio ele tinha tentado. E estava cansado de se negar.

Os lábios se moviam sobre a mandíbula dela, de volta para os lábios, e ele roubou as palavras que podia sentir passando por eles. A parte cautelosa dela, intuitiva e que dizia ‘não’, sempre o deixava louco. Havia apenas uma única maneira de silenciá-la, uma única maneira de botar abaixo suas defesas e fazê-la se derreter em seus braços.

- "Maggie", ele sussurrou, erguendo os lábios até que eles sobrepuseram os dela. - "Deixe-me te amar..."

- "Seu filho da puta!"

Ele estava desprevenido para a fúria que ela jogou sobre ele. Uma ruiva e um mini tornado que chutava, dava tapas, e se jogou sobre ele como uma força da natureza em ação.

- "Droga, Maggie...", ele agarrou os pulsos dela, apenas para soltá-la quando ela chutou sua canela.

Saltando para trás, ele olhou para a aberração que o confrontava. O cabelo vermelho estava selvagem, ondas ígneas e esplendorosas cascadeando pelos ombros, as bochechas coradas, os olhos verdes brilhando com lágrimas.

- "Eu não posso acreditar!", os punhos estavam cerrados ao lado do corpo enquanto os seios subiam e desciam rapidamente junto com a respiração. - "Deixe-me te amar", ela o imitou. "Você sabe tanto sobre essa emoção quanto Grant sabia. Zero, Joe. Nada. E pode beijar a minha bunda".

- "Dê-me uma chance". Ele estreitou os olhos para ela, deixando um sorriso zombeteiro enrolar os lábios. "Se você colocasse a encheção de lado por um minuto, eu poderia ter chegado lá. E da próxima vez que me comparar a Grant, poderá sentir seu doce traseiro espancado em vez de beijado".

- "Coloque uma mão em mim e eu te farei ser preso por agressão", ela gritou de volta. "Você teve sua chance de me amar, Joe, e estragou tudo".

- "Que inferno", ele grunhiu, tensão sexual e raiva cega se formando dentro dele. "Eu te amei a cada maldita chance que você me deu, Maggie. Completamente. Nenhum de nós podia se mover depois que acabávamos".

- "Você me fodia", ela o corrigiu brutalmente.

Joe vacilou com o teor explícito, algo sombrio e inexplicável se erguendo dentro dele para negar a acusação.

- "E o que você fazia, Maggie? Eu não posso pensar que era amor; você se casou com o homem que eu acreditava que era o meu melhor amigo seis meses depois".

- "Eu não sabia o que você era dele até o dia do ensaio do casamento". O olhar dela estava cheio com desgosto à medida que passava por ele. - "Eu quase terminei o meu compromisso então, e teria feito se ele não tivesse implorado. Eu não sabia". O riso dela estava marcado com amargura. - "Deus, eu deveria ter imaginado. Nunca deveria ter escutado quando ele jurou para mim que a minha relação com você não importava. Que ele não sabia antes".

A dor nos olhos dela o fez parar. Maggie nunca tinha sido mentirosa, pelo menos não antes do casamento com Grant. Ela tinha o coração franco, amava ou odiava com igual intensidade. Uma pessoa não tinha que imaginar a que pé estava com ela.

- "Ele sabia da nossa relação", ele a informou, assistindo-a atentamente. - "Ele sabia na noite em que você me deixou, e sabia o porquê".

Os lábios dela se separaram por um segundo antes de se fecharem firmemente, apertando em uma linha amarga. Mas não havia nenhuma surpresa lá, apenas a dor da lembrança. As mentiras de Grant não podiam surpreendê-la mais, apenas sua própria estupidez da época ainda tinham o poder de machucá-la.

- "Sim", ela finalmente admitiu. - "Ele sabia. Ele sabia da nossa relação e usava isto o tempo todo enquanto estávamos casados. Pior para mim que não sabia antes dos votos serem trocados".

- "Por que você se casou com ele?", aquela pergunta o assombrava, fazendo-o beber mais noites do que podia contar.

- "Porque eu pensei que ele me amasse", ela jogou de volta nele ferozmente. "E eu pensei que o amasse. Eu pensei que ele fosse honesto, que quisesse mais do que a foda rápida que o amigo tinha decidido que era tudo que eu servia".

- "Diga essa palavra novamente e vai se arrepender, Maggie", ele retrucou.

- "O quê? Foder?", ela zombou. "O que há de errado, Joe, te ofende saber o que um completo bastardo como você era?".

- "Eu sei exatamente como era completamente estúpido". Apenas Deus sabia como tinha sido ir para casa noite após noite, sozinho, por dois anos e meio. "Mas você nunca foi apenas uma foda".

- "Oh, você me amou?", ela perguntou zombeteiramente. "Sim, claro que você amava, Joe. Mesmo enquanto estava desfilando de terno de braços dados com a Senhorita Peituda pela noite afora? Você pensa que eu me esqueci?".

Senhorita Peituda. Peitos falsos talvez, não que ele tivesse verificado. A mulher em questão, Carolyn Delorents, era a filha de um suspeito de ser o chefe das drogas. Ele estava em uma tarefa. Nada Mais. Uma tarefa que ele não tinha contado a Maggie.

- "Eu não me esqueci", ele rosnou. - "E você nunca escutou as explicações".

- "As explicações têm de vir antes de passar a noite com outra mulher pendurada em você, e não depois", ela assinalou sarcasticamente. "E eu não queria explicações. O fato de você ter feito isto sem me dizer já era o suficiente".

- "Nós não éramos casados..."

- "Eu estava me apaixonando por você", ela clamou. "Você sabia disto. Sabia e em vez de me dizer que eu estava desperdiçando o meu tempo com você, me deixou descobrir em um evento que eu estava cobrindo para o jornal. Você não me disse nada".

- "Eu não sabia que você estaria lá".

- "O que só faz piorar as coisas". Ela passou os dedos embaixo dos olhos antes das malditas lágrimas caírem.

- "Eu já paguei o suficiente pelo nosso caso, Joe".

Ela girou, marchando para fora do cômodo antes que ele pudesse pará-la. Seguindo-a, ele pegou a porta do quarto antes que ela pudesse batê-la e andar pelo quarto.

- "Explique esse comentário". Suspeita se contorcia na barriga dele. Ele tentou se convencer de que mesmo Grant tinha sido bom para ela, que ele a havia amado. Pelos últimos dois anos ele nunca tinha imaginado que ela tivesse sido qualquer coisa exceto adorada.

- "Ele se casou comigo porque estava certo de que você se importava comigo". Os olhos dela relampejavam com dor e raiva.

- "Três meses depois do nosso casamento eu o deixei, Joe". O escárnio marcava as feições dela. "Apenas para ser forçado a voltar. Ele me chantageou com um engano que meu pai fez quando tinha começado o jornal. Ele não me deixaria partir, não perderia a única coisa que tinha para te atormentar".

- "Por que você não me disse?", ele se forçou a esconder a raiva, a descrença.

- "Chantagem, Joe. Você conhece a palavra, certo?".

- "Eu conheço, sim". Ele se controlava por um fio.

Ela não estava mentindo. Ele conhecia Maggie. Naquele momento ele percebeu que a conhecia melhor do que já tinha conhecido qualquer outra pessoa na vida. E ele não conseguia se fazer acreditar que ela estivesse mentindo.

"Ele me deixava só na maior parte do tempo, desde que eu representasse o meu papel". Ela fungou de volta as lágrimas à medida que se sentava lentamente na extremidade da cama. "Nós tínhamos quartos separados. Ele nunca tentou me

tocar. Ele saía ganhando te machucando. Ele te odiava". Ela agitou a cabeça, confusão enchendo a voz. "Nunca entendi isto".

Joe encontrou o olhar dela enquanto ela erguia os olhos para os dele, assistindo-o com tal raiva perplexa que fez o peito dele se apertar.

- "Ele nunca disse por quê?", ele nunca tinha realmente conhecido Grant—Joe percebia agora—mas por toda a vida ele tinha acreditado na amizade e ficava difícil colocar de lado. Ele tinha confiado em Grant mais do que em qualquer outra pessoa no mundo, até mais do que a família. Grant tinha sido o irmão que Joe nunca tivera. Pelo menos, ele tinha pensado que era. Se separar dessas memórias às vezes era como separar uma parte da alma do corpo.

- "Oh, ele tinha vários motivos". O cansaço lavava a expressão dela. "A promoção que você conseguiu e ele não. Alguma coisa a respeito de valentões na escola. Mas acho que a maior parte veio com o fato de que sua família era pobre de rica, de acordo com ele. Isso o aborrecia acima de tudo".

E Joe nunca tinha sabido. Essa era a parte mais dura para ele. Ele nunca tinha suspeitado que Grant o odiasse tão completamente.

- "Eu o amava como a um irmão". E ele tinha, desde que eram meninos. - "É por isso que eu não fiquei entre vocês quando soube com quem ele estava saindo e então se casando. É a razão pela qual eu deixei para lá, Maggie. Eu achei que você merecia alguém que te amasse, e eu pensei que ele te amava".

Ela o encarou por longos momentos, sobras de raiva reluzindo nos olhos verdes escuros.

- "Que sacrifício", ela bufou, o som fazendo-o apertar os dentes contra a frustração que o corroía. "Você deveria se promover a santidade, Joe".

Ela ficou de pé uma vez mais, movendo-se lentamente em torno do quarto antes de parar no lado mais distante e voltar a enfrentá-lo.

- "O que você pensou que eu iria fazer agora? Me atirar nos seus braços como se os dois anos e meio passados nunca tivessem acontecido?".

- "Eu poderia lidar com isto". Ele encolheu os ombros tensamente. "Eu nunca te esqueci, Maggie—"

- "Então esqueça agora".

Joe leu a suspeita nos olhos dela.

- "Você se esqueceu, Maggie?", ele se moveu na direção dela lentamente, morrendo por tocá-la, por saboreá-la mais uma vez. "Você se esqueceu de como eu podia te deixar quente? Como você ficava quente e molhada para mim, neném?".

Ele não a tocou enquanto se movia para ela; ele olhava fixamente em seus olhos, sentindo a necessidade se erguendo ferozmente dentro do corpo assim como refletindo nos olhos dela.

- "Isso não vai nos levar a lugar algum", ela sussurrou, as mãos apertando na frente da camisa. "Eu não te deixarei fazer isso comigo novamente".

- "Foi o que eu jurei sobre você uma semana atrás", ele admitiu. "Que eu não ficaria tão duro por você que a única coisa que importaria seria ter você embaixo de

mim, enterrando meu membro tão fundo em você que eu não saberia onde você terminaria e onde eu começaria. Que eu não te desejaria, que eu não precisaria ouvir o suave grito que você dá quando goza para mim”.

-“Que você não usaria o que eu sentia por você para tentar me enganar?”, ela sugeriu zombeteiramente, fazendo-o friccionar os dentes em frustração.

-“Eu não usaria o sexo contra você, Maggie”. Será? Ele estava dizendo a si mesmo que não iria, mas ele sabia que a forçaria. Ela tinha que saber onde aquelas informações estavam, mesmo que inconscientemente.

-“Você usaria contra mim qualquer arma que pudesse achar”, ela jogou de volta para ele enquanto ia para longe.

Joe a seguiu.

-“Você ficou casada com ele por dois anos”, ele disse suavemente. “Você pode ter odiado cada minuto, mas estava lá, naquela casa com ele. Deve ter havido algo que ele disse, que fez...”

-“E você acha que eu já não pensei nisso?”, ela cuspiu. “Isto é tudo no que eu tenho pensado, Joe. Porque se eu pudesse te dar as malditas informações que você tanto quer, então eu estaria livre. De você, de Fuentes e do Grant. Confie em mim, ninguém quer que você tenha essas informações mais do que eu”.

-“Você quer me deixar tanto assim, Maggie?”, ele se moveu atrás dela, se aproximando, com cuidado para não tocá-la.

-“Eu me lembro de um tempo em que você achava desculpas para ficar na minha cama, para ficar na minha casa”.

-“E eu me lembro de um tempo em que você achava desculpas para escapar”, ela o lembrou, andando para longe dele novamente, mas não antes que ele visse o pequeno tremor que a resposta causou nela. “Antes você não queria o que eu tinha para oferecer, Joe, e agora, o que quer que seja que você está oferecendo, eu passo a vez”.

Ele assistiu o movimento dela através do quarto até entrar no banheiro. Sem pressa, o corpo esbelto se movendo sob as roupas soltas que tinha usado para dormir. A cabeça erguida, os ombros retos, e o orgulho refletindo na postura fizeram um sorriso brotar nos lábios dele.

Ele se perguntou se ela sabia que se movia contra ele naquela cama grande a cada noite. Frequentemente a cabeça dela terminava no ombro dele, uma perna bem formada sob a dele, e uma mão repousando diretamente sobre o coração dele. Exatamente como ela dormia na cama que eles tinham compartilhado há tanto tempo.

E a cada noite o controle dele diminuía enquanto seu membro ficava mais exigente. Ela podia discutir até cansar, e às vezes fazia isso, mas ele sabia o que sentia todas as noites. Os mamilos duros apertando o corpo dele através da camiseta dela. As mãos tocando-o como se imaginasse que era um sonho.

Ele tinha sido um tolo em deixá-la ir embora na primeira vez, e podia estar fazendo papel de um grande tolo agora. Apenas o tempo poderia dizer. E era por

isso que ele a tinha trazido aqui, ele se lembrou. Se ela estivesse mentindo, ele descobriria. Se ela estava dizendo a verdade... Então ele a protegeria com tudo o que tinha. Se ela estivesse dizendo a verdade, então ele nunca a deixaria sair de sua vida novamente. Ela seria dele. De uma forma ou de outra.

Capítulo Quatro

Homens são uma droga. São a raiz de todos os problemas que qualquer mulher pode ter. São a razão para sutiãs, a necessidade de maquilagem, estilistas de cabelo, depilar as pernas, e saltos alto que fazem a planta do pé parecer que está segurando uma barra de aço. São irritadinhos, arrogantes, argumentativos e tão terrivelmente certos sobre si mesmos que a fez moer os dentes em fúria.

E Joe era o pior de todos. Sempre tinha sido. Ele não discutia, debatia ou considerava qualquer coisa; era sempre de seu jeito, de qualquer modo que ele pudesse se certificar de que ficaria. E uma vez mais ele a estava forçando. Ela podia sentir.

Ele a assistia agora de um modo que não tinha feito a semana toda, as pálpebras baixas, a expressão imaginativa, pensativa, calculista. Os olhos escuros raramente a deixando, e ela podia sentir a fome sexual espessando no ar ao redor dele. Ele tinha a aparência de quando ficava tão excitado a ponto do sexo ser forte e brutalmente satisfatório. E ele estava ficando com esse olhar.

-"Fique longe de mim", ela ordenou, enquanto ele se movia para perto dela aquela noite, arrastando-se contra ela enquanto ela colocava os pratos do jantar na lava-louça.

O grunhido masculino fez pouco para tranquilizar os nervos dela. Mas nada que ele pudesse fazer poderia tranquilizar os nervos dela. Ele não era o único excitado depois de uma semana de prisão obrigada, das noites passadas na mesma cama com ele, sentindo o calor de seu corpo.

Usando calça jeans, camiseta e um sutiã, as camadas de roupa faziam absolutamente nada para impedir as necessidades que apenas cresciam. Ela se lembrou das noites, horas sem fim em que ele a tomava, lançando-a de um orgasmo a outro, deixando-a ofegante, exausta enquanto o sol nascia além das janelas do apartamento. Ele era inesgotável. E a memória a estava matando.

-"Você mudou", ele observou enquanto ficava de pé em volta dela, escorando contra o armário enquanto a assistia. "Você nunca foi de lutar tanto antes, Maggie".

-"Eu nunca estive com a vida em perigo antes", ela o lembrou, dando a ele um pequeno clarão. "Isso muda a perspectiva de uma garota, Joe".

- "Você vai ficar bem". Um franzir rápido e aguçado passou pelas sobrancelhas loiras escuras enquanto ele a assistia. "Vamos descobrir onde as informações estão e pegaremos o Fuentes".

- "Uma coisa que nunca te faltou foi confiança". Maggie fechou a porta da lava-louça e ligou-a. "Tem que haver algum lugar onde Grant escondesse as coisas. E quanto aos outros diários dele?", ele perguntou a ela. "Nós só achamos o atual, que ele tinha começado há seis meses. Onde ele deixava os outros?"

- "Não tenho ideia". Ela agitou a cabeça enquanto respirava roucamente. "Eu passava tão pouco tempo ao redor do Grant quanto podia. Eu não o questionava, apenas queria que ele me deixasse só, então eu o deixava só".

- "Ele mencionou algum cofre de banco?"

- "Joe, essas foram as perguntas que o detetive me fez na delegacia", ela o lembrou abruptamente. "Se ele tivesse um, eu não saberia. Eu nunca me importei com seus diários, seus amigos, ou suas indas e vindas. Se eu tivesse suspeitado por um momento o que ele era, teria prestado mais atenção. Mas não fiz".

- "Homens como Grant gostam de alardear".

- "Grant enchia, acusava e tinha ilusões paranóicas". Ela agitou a cabeça com a percepção dele de que Grant não diria nada a ela. "Todo mundo tinha que ser culpado por tudo que dava errado na vida dele, exceto ele mesmo. Assumi que seus diários estavam cheios de merda, então nunca dei importância".

Ele ficou mudo então, mas ela podia sentir os olhos sobre ela enquanto ela enxugava o balcão e a mesa antes de puxar o Swiffer⁴ e passá-lo pelo chão.

Ela podia sentir os pequenos tremores de resposta se construindo sob a carne enquanto ele a assistia, ela quase podia sentir os olhos dele sobre sua calça jeans, na marca dos seios embaixo da camiseta.

Minutos mais tarde ela escorou o Swiffer de volta no lugar antes de girar e ir rumo à sala de estar. Ela estava ciente de Joe a seguindo, marchando para ela como um maldito animal. Como se ele pudesse sentir sua excitação e estivesse pensado no melhor meio de agir sobre isto.

Deixe-me te amar, ele tinha sussurrado mais cedo. Ele não tinha nenhuma ideia de como aquelas palavras tinham rasgado o coração dela. Ela tinha sonhado com ele a amando, tinha acreditado que ele estava começando a amar até que ela cobriu a maldita festa e não tinha nenhuma ideia de que ele tinha sido convidado. Porque ele não tinha dito a ela. Não a havia convidado. Oh, não, ele tinha uma de suas mulheres da alta-sociedade no braço, bem vestida com seda, diamantes e com o cabelo loiro platinado.



Ele tinha dormido com ela?

Ela não podia se deixar pensar nisto. Mesmo agora, dois anos e meio mais tarde, o pensamento dele tomando outra mulher tão depressa depois de ter compartilhado uma cama com ela tinha o poder de rasgar suas defesas em meros fragmentos.

- "Você não pode me ignorar para sempre, Maggie".

Ela parou no meio da sala de estar, respirando profundamente antes de girar para enfrentá-lo.

- "Eu não estou tentando te ignorar, Joe".

Os olhos dele estavam brilhando com luxúria, o mesmo olhar que tinha o poder de deixá-la de joelhos durante a relação. Literalmente.

Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça e a encarou calado, enquanto o olhar dela entrava em ação. A pesada protuberância entre as coxas dele fez um calor começar a queimar pelo corpo dela. A vagina doída, ecoava com vazio, enquanto os mamilos se apertavam firmemente contra o tecido do sutiã.

Ela tragou firmemente enquanto sentia a necessidade de mais oxigênio.

- "Ele te satisfazia na cama?".

A pergunta a pegou de surpresa.

- "Como, não entendi".

- "Grant". Ele fez uma carranca de volta para ela. "Ele te satisfazia na cama? Te fazia gritar e implorar por mais, mesmo quando estava exausta demais para tomar mais?".

Os olhos dela alargaram e a raiva começou a chamejar nos olhos.

- "Isto não é da sua conta—"

- "Uma ova que não é", ele retrucou. "Eu fiquei louco por dois anos e meio me perguntando se ele te satisfazia, sabendo que ele dividia a sua cama..."

- "Pare com isto, Joe. Isso não nos vai nos levar a lugar algum".

- "Eu saberei". Ele manteve a voz baixa, neutra, uma indicação certa de que não deixaria o assunto para lá.

- "Não, você não irá". Ela ergueu o queixo enquanto o encarava de volta, os punhos cerrados ao lado do corpo à medida que lutava para manter o controle. "Porque eu não vou te responder".

A vergonha a enchia ao pensar em revelar a verdade. Ela soube na noite do casamento que o engano que tinha feito tinha sido pior do que esperava. A luxúria de Grant a enojava, as perversões faladas dele havia-a enchido com desgosto e medo.

- "O diário estava bem detalhado em relação à vida sexual", ele a informou. "Ele era bastante descritivo".

Maggie ficou pálida. - "Nós não estávamos transando na época. Eu não compartilhava a cama com ele desde os primeiros meses do nosso casamento, eu te disse isto".

- "Por quê?", ele se moveu para mais perto, marchando para ela como um predador.

- "Isto não é da sua conta, Joe. Deixe para lá". Ela o observava atentamente, cautelosa e incerta de como ele reagiria.

- "Você é uma mulher muito apaixonada, Maggie. Eu não consigo te imaginar se negando ou enganando o seu marido ao atingir o clímax".

- "Eu gosto de sexo, então automaticamente eu tenho que foder com alguém?", ela retrucou furiosamente. Deus a salvasse de homens teimosos.

- "Isso não foi o que eu disse".

- "Sim, Joe, isso foi o que você disse". Ela acenou com a mão de volta para ele em um gesto de frustração.

- "O que você fez nos últimos dois anos e meio? Nós dois sabemos que você não era virgem quando veio para a minha cama. Quantas mulheres você teve desde mim?".

- "Nenhuma".

A resposta a fez vacilar; ela pôde apenas ficar encarando-o em choque.

Ela o encarava, calada, enquanto ele chegava mais perto, a expressão escura, cheia de intenção enquanto a assistia.

- "Você me atormentou, Maggie".

Ela agitou a cabeça desesperadamente.

- "Não brinque comigo assim, Joe. Por favor". Ela estava disposta a implorar. Ela o tinha deixado, acreditando que ele não tinha o coração dela. Agora, dois anos e meio mais tarde ela admitia a verdade que não quis enfrentar na época. Ela o amava então, e esse amor nunca tinha morrido.

- "Eu não estou brincando com você, Maggie". A mão cobriu a bochecha dela enquanto ela prendia a respiração. O som da arfada trêmula dela teria sido humilhante se o toque dele não tivesse sido tão morno, tão necessário.

- "Estou tentando nos salvar dessa vez".

Ela ansiava por ar, os joelhos trêmulos acabariam perdendo a força antes que ela se movesse para longe dele.

- "Você se lembra de como era?", ele perguntou suavemente.

Maggie o encarava, confusa, incerta, enquanto os lábios dele se abaixavam para dar um beijo leve contra os lábios dela.

- "A noite toda", ele sussurrou sobre os lábios dela. "Eu adormecia ainda enterrado no seu corpo, ainda faminto por você. Você se lembra?".

- "Eu me lembro de te ver com outra mulher". Ela forçou as palavras a passarem pelos lábios. "Eu me lembro de você me olhando través do salão, a expressão tão fria quanto o gelo. É disso que me lembro, Joe".

A mandíbula dele cerrou.

- "Você pode esquecer isto".

- "Não, eu não posso esquecer". Ela lentamente o afastou, lutando contra o remorso enquanto fazia isso.

- "Eu não dormi com ela, Maggie".

A tensão que enrijecia o corpo dele a fez ir mais para trás. Ela podia ter a certeza de que ele estava na extremidade de seu autocontrole. Uma vez que ele passasse da fachada da civilidade, negá-lo não seria uma opção. A fome nele chamava-a muito ferozmente, puxava-a desesperadamente. Quando Joe começasse a vir sério atrás dela, ela estaria perdida, e sabia disto.

- "Não me importa se você tenha dormido com ela ou não", ela disse a ele suavemente enquanto se movia para o sofá. De jeito nenhum ela iria para o quarto. "Não é sobre a mulher, Joe, é o fato de você ter feito isto. Você não estava tão interessado por mim quanto eu estava por você, caso contrário, você teria me dito sobre a festa. Você teria me dito sobre o seu encontro".

Ela se enrolou no canto do sofá, puxando as pernas até que elas se curvaram na lateral do corpo e dando proteção contra o pulsar do calor entre as coxas.

Ele não se moveu de onde estava, só seguiu o progresso dela através do cômodo com os olhos. Ela sabia o que ele estava fazendo, o que tinha feito o dia todo. Tentando arrancar os botões dela. Das primeiras palavras que tinham saído de sua boca pela manhã, quando ele a havia acusado de fazer beicinho, até agora, ele estava tentando contorná-la, conseguir o que queria sem dar nada de si em retorno.

Isso não era o suficiente para ela agora. Ela queria tanto em retorno quanto tinha que dar, ou ela não queria nada. E dar tudo de si não era algo que ela pensava que Joe faria facilmente. Ele a enfrentava, a mandíbula fechando com tensão, os olhos castanhos furiosos com frustração e excitação.

- "Por que você não me disse, Joe?", ela balançou a cabeça quando ele não disse nada. "O que você teria feito se tivesse me visto nos braços de outro homem naquela noite?".

- "Eu o arrebentaria", ele retrucou.

- "A sua parceira saiu com o cabelo e os dentes intatos", ela assinalou suavemente.

- "E você nunca voltou", ele rosnou. "Você não respondia aos meus telefonemas. Por Deus, você não queria ouvir explicações".

- "Não, eu não queria", ela admitiu tristemente. "A explicação deveria ter vindo antes da realidade que me socou na boca do estômago, Joe. Eu te vi naquela noite, fingindo que não me conhecia, que eu não era nada, enquanto você dançava com outra mulher..."

- "Eu nunca tirei os olhos de você".

- "Ou a mão dela", ela o lembrou.

- "Era uma porra de uma investigação, Maggie", ele retrucou, uma carranca contorcendo o rosto. "Você acha que eu não iria te dizer se pensasse que você estaria lá? Depois que eu te vi já era muito tarde; eu não poderia arriscar o caso".

- "Eu cubro a página da alta sociedade, Joe", ela gritou de volta para ele, enfurecida com sua lógica. "Você deveria saber que eu estaria lá. Você deveria ter me advertido".

- "Como?", ele passou os dedos impacientemente pelo cabelo longo. "O que diabo eu deveria ter feito, Maggie? Eu estava no meio de uma operação, eu não podia apenas te dizer o que diabo estava acontecendo".

- "Você podia ter me advertido de que tinha um trabalho a fazer. Isto era tudo que eu precisava". Ela saltou de pé, raiva surgindo dentro dela. "Eu sabia que você trabalhava para o DEA, Joe. Eu não era estúpida ou incompetente. Eu não iria fazer perguntas, mas deveria ter sido advertida. Por que diabo você acha que saiu da festa com todos os órgãos intatos aquela noite? Eu não te atingi somente porque, por via das dúvidas, você poderia estar trabalhando, em vez de tentar foder a Senhorita Peituda que estava agarrada no seu braço".

- "Então por que você ainda está tão puta?", ele estava genuinamente confuso. "Por que você me evitou, Maggie? Nós poderíamos ter resolvido isso".

- "Porque você não me advertiu, Joe", ela o lembrou com falsa paciência. "Porque você esperou mais de mim do que você estava disposto a dar, e cada maldita mensagem que você deixou no meu telefone provava isto".

- "O quê?", ele fez uma carranca de volta para ela em confusão. "Eu te pedi para me ligar".

- "Você exigiu que eu te ligasse. Você me informou, mais de uma vez, que eu estava sendo tola, infantil e petulante", ela zombou. "Não, Joe, eu não estava. Eu não esperava mais de você do que você teria esperado de mim, e você não estava disposto a dar isso. Você nunca teria tolerado me ver com outro homem; por que eu teria que suportar te ver com outra mulher? Nenhuma advertência. Nenhuma explicação. Nada de nada".

Ele estava mudo, olhando fixamente de volta nela com olhos estreitados e feições teimosas. A arrogância dele era uma das coisas que ela costumava admirar, aquela confiança própria de macho que a deixava louca e excitada ao mesmo tempo.

- "Eu não esperava isso de você", ele sibilou. "Eu teria explicado".

- "A explicação veio muito tarde". Ela jogou o cabelo para trás antes de sorrir firmemente com a raiva crescente nos olhos escuros dele. "Eu não vou mais discutir isso com você, Joe. A minha relação ou falta dela com Grant não é da sua conta. Da mesma maneira que o seu trabalho e o que ele exige de você não é da minha conta. Você está aqui para fazer um trabalho. Me proteger e descobrir se eu sei onde Grant escondeu sua preciosa prova. Fique com o seu trabalho. Você é bom nisto".

Com isto, ela saiu da sala de estar e entrou no quarto batendo a porta atrás de si. Ela realmente rezou para que ele entendesse e a deixasse só. A dor e a raiva que tinha enterrado quando tinha deixado Joe estavam ganhando vida dentro dela agora. A falta de escape ao longo dos anos e sua determinação de esconder os próprios sentimentos por ele, para mantê-la protegida das repercussões. Agora a dor a estava tomando, o choque e a aflição a lembravam de quando tinha percebido como ela significava tão pouco para ele batiam nela agora com uma força que ela não esperava.

Ela merecia o mesmo amor que estava disposta a dar, e o casamento com Grant a havia ensinado que ela não estava disposta a se conformar com menos. Especialmente não com Joe.

Capítulo Cinco

O relógio ao lado da cama marcava duas da manhã antes de Joe ouvir a respiração profunda e uniforme, indicado que Maggie tinha fugido para o sono. Dentro de minutos, como ela tinha feito nas outras noites, ela rolaria da extremidade da cama para o meio, e seu corpo esbelto se dobraria contra o dele.

Ele friccionou os dentes contra a excitação que pulsava entre as coxas, e sabia que Craig não ficaria feliz com as horas extras que teria que ficar de olho pela manhã.

Maggie não sabia que Craig ficava do lado de fora da cabana. Craig dormia durante o dia, e então começava a ficar de olho da meia-noite até que Joe saísse na varanda a cada manhã para indicar a ele que estava acordado e pronto para o trabalho. Mas Joe estava se levantando mais tarde a cada dia. O sono estava ficando mais difícil a cada noite que passava.

Enquanto Maggie se movia contra ele exigentemente, ele erguia o braço, permitindo a ela se ajustar contra seu peito antes que ele se permitisse abraçá-la bem perto. Era tão bom senti-la em seus braços, mas inferno, sempre tinha sido assim.

Quantas vezes ela tinha dormido contra ele assim? Quantas vezes ele tinha acordado no meio da noite, apenas para escutá-la respirar, sentir a suavidade de seu cabelo enquanto ele a abraçava bem juntinho?

Ele encarou o teto, os lábios comprimidos enquanto se lembrava das acusações que ela tinha jogado sobre ele mais cedo naquela noite. Ele realmente tinha esperado mais dela do que estava disposto a dar?

Talvez ele tivesse. Ele tinha ficado tão ocupado se assegurando de que o que eles tinham era apenas um caso que a volátil e pequena ruiva não estava tomando parte dentro dele que ele não tinha percebido o fato de que ela já tinha achado um lugar em seu coração.

Era por isso que ele a tinha arrancado da sala de interrogação naquele dia. Era por isso que ele não podia aceitar que ela tivesse sido uma parte das atividades criminosas de Grant, apesar das provas – fotos de Maggie dando a Diego e Santiago Fuentes vários envelopes em um restaurante de alta classe, fotos dela os saudando na porta da casa deles, e trocando conversas fúteis em várias festas que ela frequentava para o jornal.

Ela dissera ao detetive Folker que não sabia o que os envelopes continham. Que ela tinha aceitado a incumbência de Grant simplesmente porque era mais fácil do que lutar, e porque estava indo para aquela parte da cidade de qualquer maneira.

O diário que Grant mantinha possuía páginas e páginas de acusações contra Maggie. Implicando que ele tinha começado a trair a agência e os amigos por causa dos hábitos de gastos dela, por causa de sua determinação de sempre ter mais.

Mas Maggie não se vestia nada diferente de antes de seu casamento com Grant. Não havia roupas caras, nenhuma joia exagerada, e ela nunca tinha dirigido o carro novo que Grant tinha comprado para ela. Então onde estava o dinheiro que ele tinha recebido do Fuentes?

Ele enterrou os dedos no cabelo de Maggie enquanto tentava achar as respostas. Depois de uma semana com ela, a suspeita de que ela pudesse ter sido envolvida estava se dissolvendo sob sua ânsia por ela e o conhecimento de que se dinheiro fosse o que Maggie buscava, então ela nunca o teria riscado de sua vida como tinha feito.

Ele tinha dinheiro. O pagamento de um agente do DEA era uma droga, mas a família dele era uma das mais influentes na Geórgia, e seu capital de confiança daria para criar quaisquer crianças que ele tivesse até a velhice, se eles fossem cuidadosos. Sem mencionar o que os pais dele iriam lhe deixar um dia. Se Maggie estivesse atrás de dinheiro, então ela tinha perdido uma oportunidade muito mais fácil do que se casar com Grant e se envolver com a família de Fuentes.

Em vez de tentar prendê-lo com casamento ou dinheiro, Maggie o havia deixado. Não que Joe reivindicasse qualquer coisa como dele. O dinheiro estava acessível caso ele precisasse. Mas o dinheiro dos pais não era dele, e ele se recusava a tocá-lo. Ainda assim, essa não era a razão pela qual ela tinha ficado tão furiosa. Ela não o havia perdoado por não a ter advertido antes que ela o visse com a filha do homem que eles estavam investigando.

Ele tinha estado lá para conseguir informações. Ele tinha conseguido as informações, mas tinha perdido a garota. Sua garota. Ele estava disposto a perdê-la novamente?

Um gemido suave deslizou pelos lábios dela enquanto ela se movia contra ele novamente, os lábios apertando a carne nua do peito dele. Joe cerrou os dentes contra o prazer aquecido de sua suave e pequena língua acariciando o mamilo rígido.

Ele poderia sobreviver a outra noite com ela nos braços sem tocá-la? Deus, ele estava ficando duro. Ela era como um gatinho, apertando mais, os dedos enrolados contra seu abdômen, as unhas deslizando na carne e enviando um raio de sensações até as bolas. O suor brotou na testa, ao longo do peito e das coxas, e o membro se apertou ainda mais.

A ereção era dura demais, tão sensível que ele engoliu um gemido torturado enquanto a cabeça apertava contra o tecido da calça de moletom. E não havia

nenhum alívio. Ele com toda a certeza não iria bater uma punheta com ela na cama com ele, e fazer isto qualquer outra hora estava fora de cogitação. Além disso, a liberação vazia do ato não era o que ele precisava. Ele precisava de Maggie, de sua doce e apertada buceta o envolvendo, queimando-o enquanto ele a possuía.

- "Joe". O nome dele sussurrado passou pelos lábios dela, aquele sonolento e baixo apelo o lembrou do passado, o pulsar da fome na voz dela que um dia o tinha feito girar para ela, deslizando facilmente dentro dela enquanto ele a acordava completamente para seu toque.

Ao invés disso, ele agora estava deitado quieto, torturado, atormentado enquanto a mão sedosa dela se movia sobre sua barriga, acariciando, arrastando as pequenas unhas sobre a carne e enviando agonizantes estouros de prazer por seu membro.

Ele respirou lenta e profundamente, os dentes dela passando sobre o mamilo, um murmúrio de prazer feminino vibrando da garganta enquanto a mão dela se movia mais para baixo.

Joe ergueu o braço, a mão livre prendendo na cabeceira da cama atrás da cabeça ao lutar por controle enquanto a antecipação começava a espiralar dentro do corpo. Ele a conhecia nesse estado. Sonolenta, quando acordava no meio da noite, faminta por ele, toda provocante e relaxada. E ele não estragaria isso. De jeito nenhum. Naqueles breves minutos entre o sono e o despertar Maggie tinha o hábito mais surpreendente de se esquecer de que estava puta com ele. Se ela não se lembrava disto agora, não era ele quem iria lembrá-la. Hm-hmm. Isso não iria acontecer.

- "Maggie". Ele não pôde evitar o gemido rouco que deixou sua garganta enquanto os dedos dela tocavam na faixa de sua cueca.

Ele podia sentir a boca enchendo d'água com a antecipação que começava a se formar, a ereção cheia de necessidade enquanto os dedos dela começavam a se mover sob a faixa.

- "Hmm", ela murmurou contra o peito dele, afundando os dentes contra sua carne em uma sensual pequena mordida de advertência enquanto ele separava as coxas e a deixava fazer de seu jeito.

Inferno, não, ele não a lembraria de nada. Se o fizesse, então ela provavelmente ficaria envergonhada, brava e talvez fosse embora. Qualquer opção que fosse, queria dizer que ela pararia de tocá-lo, que o calor ardente de sua mão não iria mais...

Puta que pariu!

Os quadris dele empurraram violentamente quando ela se moveu novamente. Os dedos esbeltos tentando cercar o membro furioso enquanto ela se movia contra ele novamente, os lábios se movendo mais para baixo no tórax.

Oh, inferno, ele sabia o que estava por vir. Ele se lembrava bem disto, e se ela recobrasse os sentidos enquanto estava com o pau dele na boca então ela provavelmente ficaria violenta.

Mas não era como se ele a estivesse encorajando, ele se assegurava enquanto colocava a outra mão na cabeceira da cama, determinado a não guiar a cabeça dela mais para baixo. Inferno, não. Ele não iria pará-la. Ela estava com uma mulher crescida. Se ela não se lembrava de que estava puta, então ele não a lembraria. Não mesmo.

Ele lutou para respirar enquanto olhava com prazer ofuscado para o teto além da cama, quase arquejando com luxúria enquanto os dedos dela empurravam a calça de moletom para baixo, lutando para tirar o tecido sobre a ereção.

-"Bom", ela murmurou com um sorriso suave contra a carne dele, quando o pano finalmente deslizou para baixo da carne espessa e dura como ferro que subia avidamente para o toque dela.

Os dedos dela o envolveram novamente, acariciando lentamente das bolas até a cabeça, enquanto os quadris dele se curvavam involuntariamente com a carícia. Os dedos dela eram como uma seda viva enquanto raspavam sobre a carne sensível. Os lábios e a língua estavam com fome, aquecidos enquanto se moviam para baixo no tórax dele, beijando, lambendo, dando pequenos beliscões sensuais na carne.

Ele sempre tinha ficado pasmo no passado quando ela fazia isto. Quando a necessidade dela conseguiria dominá-la tanto que nada mais importava além de ficar com ele. Tocá-lo. Saboreá-lo. Destruí-lo com sua fome.

Ela o estava destruindo agora. Ele afundou a cabeça no travesseiro, engolindo um grunhido violento enquanto ela se apressava, e lutava para apreciar tanto quanto possível antes que ela se lembrasse que deveria estar louca de raiva com ele.

Dois anos e meio. Ele não tinha uma mulher desde a noite que Maggie tinha passado em sua cama. E Deus, ele tinha sentido tanta falta dela. Era por isso que nenhuma outra mulher tinha compartilhado sua paixão, porque ele sabia que nenhuma outra poderia se comparar ao que ele estava achando neste momento.

Sabendo que estava cometendo um engano muito maior, ele se moveu para olhar o teto, olhando abaixo a linha do corpo, enquanto a luz que passava parcialmente através da porta do banheiro fechado caía sobre a cabeça de Maggie enquanto ele a assistia se mover mais para baixo. Mais baixo.

-"Céus. Maggie, neném", ele arquejou.

Ele não podia aguentar muito mais. Ele estava tremendo; o suor banhava seu corpo enquanto ela se movia para seu abdômen, a língua marcando um caminho de necessidade ígnea através da carne.

Mais perto. Ah, Deus, a língua dela estava muito perto. Era tortura, o pior tipo de prazer agonizante, ter a língua sedosa dela muito perto e ainda assim muito longe de sua ereção cheia.

Os dedos acariciavam seu membro em chamuscas enquanto a língua estava a centímetros, meros centímetros. Ele estava agitando em antecipação, o suor tomando o corpo e formando pequenas poças abaixo no tórax enquanto ele lutava para manter o controle.

- "Maggie. Deus, neném. Diga-me que você está acordada". As mãos dele apertaram na cabeceira da cama e ele piscou de volta o suor que gotejava sobre os olhos enquanto dizia a si mesmo que a parasse. Para que ele pusesse fim ao doce tormento antes que ela passasse de um ponto que ele não pudesse se recuperar. Maggie podia ser incrivelmente intensa, com paixão e fúria.

Ele podia mover as mãos. Ele podia agarrar a cabeça dela e forçá-la a parar. Mas ele estava apavorado em pensar quem em vez de se soltar do aperto furioso que fazia na cama, que em vez de despertá-la enquanto estivesse tirando-a de perto dele, que ele a acordaria enquanto enchia sua boca.

- "Deus. Maldição, Maggie". O grito roto dele encheu a escuridão enquanto a língua batia sobre a cabeça de seu membro. A carne endurecida se enrijeceu e então liberou um pouco de líquido pré-seminal que os lábios dela esperavam.

Merda. Isso não deveria acontecer.

Mas o murmúrio de apreciação dela foi seguido por êxtase em chamas. A boca envolveu a cabeça espessa, a língua girando, os olhos pequenos sondando-o enquanto ela sofregamente o consumia. Arqueando para ela enquanto outra maldição rasgava seus lábios, ele empurrou mais fundo, sentindo os lábios se apertando contra o membro, a língua chicoteando-o.

Ah, Deus. Ele tinha que parar isto. Não tinha?

Como? Como diabo ele acharia a força para fazê-la parar?

- "Maggie, neném... por favor...", ele gemeu severamente enquanto ela começava a chupá-lo com golpes lentos, apertando-o em sua boca.

Quase até a garganta, apenas para retroceder, a língua banhando-o com rápidas e pequenas lambidas antes de afundar novamente, os lábios encontrando os dedos enquanto ela acariciava a porção mais baixa de sua vara.

Ela iria destruí-lo. Hoje à noite, ela roubaria sua alma e não haveria mais nada que ele pudesse fazer quanto a isto. Uma vez que ele se despejasse em sua boca não haveria mais retornando à sanidade. Nunca havia existido. Como um animal, a realidade retrocedeu e nada mais importava além de abrir bem suas coxas e ambos foderem até o esgotamento.

- "Deus, sim". Ele piscou novamente contra a umidade nos olhos enquanto os quadris se moviam até a boca que o sugava. Empurrando dentro e fora, o escroto apertando até que o prazer estava próximo da dor e a necessidade estava virando tortura.

- "Isso mesmo, amor", ele arquejou. "Inferno, sim. Chupe, neném. Chupe bem fundo e gostoso. Sua boca é o céu, Maggie. O paraíso".

Ele se segurou, desesperado para alcançar mais fundo, empurrar mais firme. Ele lutava contra a necessidade do clímax, a cabeça afundando no travesseiro enquanto lutava com toda a força de vontade que tinha.

Ela não sabia o que estava fazendo. Com certeza. Ela tinha ido para a cama furiosa com ele, não tinha?

Então ela se moveu novamente, correndo as mãos entre as coxas dele, uma mão envolvendo o saco apertado sob o membro enquanto ela o tomava mais fundo, gemia, e os olhos abriam com sensualidade sonolenta.

Não havia nenhum choque. Os olhos verdes o encaravam com luxúria pesada enquanto a boca inteira o acariciava, dobrando ao redor dele, e ele estava perdido. Ela sabia o que diabo estava fazendo. Da mesma maneira que sempre soube.

Um grunhido duro rasgou os lábios dele enquanto ele se movia firme contra o aperto dela e perdia os últimos vestígios de controle. Ele sentiu o sêmen explodir dentro da boca, os movimentos dos lábios enquanto ela o consumia, aceitando sua liberação enquanto as mãos deslizavam, acariciavam. A língua ordenhando o lado inferior do membro, pedindo mais da cremosa liberação na boca enquanto ela gemia com a fome nascente.

-"Eu tentei". As mãos soltaram a cabeceira da cama. "Deus nos ajude, Maggie, eu tentei..."

Capítulo Seis

Ela era tão fraca. Maggie amaldiçoou a própria fraqueza enquanto deixava Joe deitá-la de volta na cama. Ele era sua fraqueza. Os lábios nos dela, os beijos aguçados e ferozes que a entorpeciam enquanto as mãos puxavam a camisa. Ele a ergueu apenas o suficiente para arrastar o tecido acima da cabeça dela e jogar para o lado antes de voltar.

O ar fresco deslizou sobre as pontas de seus seios apenas um segundo antes do calor de Joe a envolver uma vez mais. Ele tinha esse poder, o poder de aquecê-la, criar um fogo dentro dela, tão quente e tão desesperado que nada mais importava além do toque dele.

Maggie se abriu para ele, as mãos tentando agarrar as costas dele enquanto os pelos do tórax dele estimulavam os mamilos sensíveis e roubavam sua respiração com o prazer. Tudo bem. Fazia tanto tempo. Muito tempo sem ele, sem seu toque. Ela tinha jurado que não deixaria acontecer, mas seus próprios sonhos e fome tinham roubado sua vontade.

Ela sonhava com ele todas as noites desde que eles tinham se separado.

Sonhos doloridos. Sonhos de raiva ou de luxúria. Sonhos de reencontro ou de partida. Não importava qual, ela esperava ansiosamente por cada um, para vê-lo, tocá-lo, mesmo que apenas nos sonhos.

Mas isto não era um sonho. Quando ela lentamente acordou, esquecendo por alguns breves momentos onde eles estavam, e a confusão em que estava, Maggie o tocou. A mão tinha corrido pelo abdômen dele. O corpo dela tinha aquecido com

necessidade. Depressa a realidade tinha tentado se intrometer. Mas Joe estava lá, tenso mas quieto sob o toque dela, deixando-a agir.

Ele nunca tinha feito isto antes. Ele nunca tinha se segurado e permitido a ela estabelecer a velocidade de qualquer parte do ato de fazer amor.

Ter o controle tinha quebrado a resolução dela. Isso e a própria fome dela. Deus, ela o desejava tanto. Ela não conseguia aguentar o desejo que a chicoteava, as emoções que tomavam severamente seu coração, enchiam sua alma.

Enquanto ela se movia entre as coxas dele, ela esperava que ele dominasse o ato, que ele movesse a cabeça dela como ele queria, puxando-a para ele enquanto assumia o comando do passo. Ao invés disso, a voz irregular dele encorajou-a enquanto ele arqueava para ela. As mãos agarrando a cabeceira da cama, o corpo apertado, torturado com necessidade.

E agora ela se arqueava para ele. Enquanto os lábios se moviam para longe dos dela, para seu pescoço, então seus seios, as mãos empurrando a parte inferior do pijama que ela usava.

O calor se formava ao redor deles até que Maggie sentiu a transpiração na carne. Agarrando-o, um gemido deixou os lábios dela enquanto ele pegava suas mãos e as levava para cima da cabeça.

- "Espere", ele rosnou. "É a minha vez agora".

Os dedos dele prenderam-na na cabeceira da cama atrás dela enquanto ela o assistia com fascinação ofuscada. A expressão no rosto dele era uma que ela nunca tinha visto, em nenhuma hora antes. Selvageria junto com desejo, algo sombrio que fez um calafrio correr pela espinha dela. Ele a queria, queria com uma profundidade e uma força que ela nunca tinha visto antes.

A cabeça abaixou sobre os seios dela novamente, os lábios dele tocaram justamente sobre o ponto duro que se erguia avidamente em sua direção.

O olhar dele ergueu, encontrando o dela na luz escura do quarto enquanto a língua se esticava para lambe o cume duro, exigindo que ela assistisse. Que ela visse a luxúria e o prazer crus que o tomavam enquanto ele a tomava. Sensações a chicotearam, empurrando o corpo dela violentamente para cima enquanto um grito deixava seus lábios.

- "Joe. Não me provoque. Faz muito tempo".

Muitos anos. Uma vida cheia de dor e tristeza desde que ela tinha conhecido o toque dele.

- "Eu sei quanto tempo faz". A voz dele era ruidosa, profunda. "Cada dia, cada hora, eu segurei a minha necessidade por você, Maggie. Sou um homem muito faminto agora. Deixe-me apreciar esse pouco tempo que o meu controle me permitirá aqui".

Ele girou a cabeça, roçando a bochecha áspera contra a carne sensível do seio inchado. Maggie mordeu o lábio enquanto ansiava por ar e estremecia sob a carícia.

- "Eu amo os seus seios". As mãos dele fecharam nos montículos endurecidos, os dedos polegares deslizando nos mamilos enquanto estouros firmes de prazer a

faziam gemer com a antecipação nascente. "Tão bonitos, mamilos tão rosa". Ele abaixou a cabeça, os lábios cobrindo as pontas duras, a língua chamejando sobre eles com passadas quentes e rápidas. "Tão sensíveis e fáceis de agradar. Eu amo dar prazer aos seus mamilos, Maggie".

As mãos de Maggie apertaram na cabeceira da cama, enquanto o olhar dela escurecia e o prazer passava pelo corpo. Isto era tão bom, a lenta adoração dos seios. Ela se lembrava tão bem, como ele amava deixar os mamilos duros, então a deixava louca enquanto os deixava mais sensíveis a cada segundo.

O que era quase o que ele estava fazendo agora. Banhando-os com a língua, mordiscando-os, apenas para voltar até eles e chupá-los firmemente, um de cada vez, até que ela jurava que estava indo para um clímax tão intenso apenas com isso.

- "Lindos". Ele suspirou a palavra para um mamilo e outro antes de dar um beijo de despedida e se mover para baixo.

Enquanto ele a tocava, Maggie podia sentir o próprio coração derretendo, a alma indo para ele. Havia uma diferença no toque, era mais gentil, quase reverente. Como se o tempo separado dela o tivesse machucado tanto quanto a tinha machucado. Será que ela estava fantasiando? Provavelmente. Mas Deus, ela o amava. Sempre tinha. E apenas por essa noite ela deixaria o coração tomar as rédeas e se convencer de que ele a amava também. Somente um pouco. Apenas o suficiente para sustentar os sonhos que ela mantinha escondidos, até de si mesma.

- "Joe...", o prazer cresceu, envolvendo-a até que ela soube que não poderia aguentar muito mais. A excitação agonizante corria em seu útero, pulsava em sua vagina. Ela estava desesperada para liberação, pela posse dele.

- "Eu tenho que te saborear novamente, Maggie", ele sussurrou, a voz áspera enquanto as mãos se moviam para empurrar ainda mais a parte inferior do pijama além das coxas e para baixo dos joelhos.

Com um pontapé impaciente, Maggie descartou a roupa. Arqueando as costas, ela se ergueu para mais perto dos lábios provocantes que se moviam junto ao seu torso, então seu abdômen. Com lambidas quentes e beijos lentos, Joe a deixava em um estado de luxúria que era quase muito intenso para aguentar. O prazer queimava seu sistema nervoso, criando um vórtice de necessidade, fome e excitação ofuscante e com intensidade tão profunda que se tornava o centro de sua existência.

Ela precisava de mais.

Enquanto ele se erguia entre as coxas dela, as mãos dele abrindo as pernas dela e erguendo-as até que os joelhos se curvaram, Maggie podia apenas assistir com antecipação nascente. A respiração era quase impossível enquanto ela esperava pelo primeiro toque, o primeiro beijo ofuscante, íntimo.

- "Eu sonhei com isso, Maggie". Ele moveu a mão até que os nós dos dedos estavam tocando os cachos pequenos que protegiam seu sexo. "Tocando você, te saboreando novamente. Você sonhou comigo, neném?".

O dedo polegar dele raspava o clitóris e ela se moveu em resposta cheia de prazer.

- "Você sabe que eu sonhei". Os sonhos a faziam ir em frente, deixavam-na desejando por dois anos de um casamento que tinha virado um inferno.

Ela não estava disposta a jogos agora. Ela precisava de um orgasmo, precisava que a extremidade brutal e afiada da luxúria se dissipasse como somente acontecia depois que Joe a fazia alcançar o clímax.

- "Hmm, você sonhava gostoso assim?".

A cabeça dele se curvou, a língua batendo depressa pela racha encharcada de seu sexo, enquanto os quadris dela se curvavam violentamente e um grito passava pelos lábios. Os impulsos elétricos como uma sensação de lava quente rasgavam seu corpo, deixando-a pairando na extremidade do clímax enquanto Joe retrocedia.

- "Não pare". A cabeça dela afundava no travesseiro. "Joe, não pare".

- "Eu não quero apressar". A voz era tensa, a respiração quente contra a carne úmida entre as coxas enquanto ele soprava contra os cachos encharcados.

A língua deslizava, provocando o broto inchado do clitóris antes de ir mais para baixo. Com lambidas provocantes e conhecedoras, ele esboçava a entrada sensível da vagina, a língua chamejando sobre ela enquanto ela se erguia para ele, somente para fazê-lo retroceder provocantemente.

Ela nunca sobreviveria à provocação dele. Ela sabia como ele provocava, sabia quanto tempo ele podia se segurar enquanto a deixava mais quente a cada segundo. Ela estava mais desesperada agora do que jamais tinha ficado pelo toque dele. A provocação não iria acontecer, porque ela não sobreviveria a ela.

- "Rápido. Você pode ir devagar mais tarde".

Ela soltou a cabeceira da cama, e antes que ele pudesse pegar suas mãos, os dedos dela estavam segurando seu cabelo e puxando-o para sua carne desesperada.

Ela ouviu um grunhido um segundo antes dos lábios dele cobrirem o ponto dolorido e em chamas entre as dobras sensíveis de sua buceta. Chupando, a língua lambendo com um ritmo definido, enquanto um dedo espesso trabalhava bem no fundo das profundidades pulsantes de sua vagina.

Oh, sim, isso era o que ela precisava.

O prazer explodiu dentro dela, brilhantes fragmentos de raios quentes e branco chiando em suas terminações nervosas, queimando sua carne. O clitóris inchado sob o assalto, o corpo apertado, e segundos mais tarde o orgasmo a tomou lançando-a para o êxtase.

Ela não percebia o aperto que fazia no cabelo dele, ou o aperto dele enquanto soltava os dedos dela. Tudo o que ela sabia era do raptó que voava com ela, e a sensação dele ajoelhando entre as coxas dela segundos mais tarde.

Abrindo os olhos, ela arqueou os quadris para ele enquanto ele rolava um preservativo depressa sobre o membro erguido entre as coxas.

Ele era poderoso, a carne macia e lustrosa, cheia de músculos. O tórax estava erguendo com o esforço de respirar enquanto ele segurava a proteção, e então se movida para a posição entre as coxas dela.

- "Como você quer?", a voz era tensa. "Rápido e forte, ou forte e rápido?".

A escolha limitada a teria divertido, se ela não estivesse tão desesperada pela penetração.

- "Que tal forte e rápido?", ela gemeu. "Deus, eu não me importo, apenas faça, Joe. Agora..."

Ela gritou com a penetração. Foi forte. Rápida. Em três golpes ele tinha se enterrado nas profundidades de sua buceta necessitada. Vindo sobre ela, os braços dobrados sob os ombros dela, os cotovelos segurando a maior parte do peso enquanto começava a se mover.

- "Inferno, sim. Tome, neném. Tome tudo de mim". A demanda severa, dita com um tom desesperado com prazer fez a respiração dela prender no peito.

Tudo dele. Ela precisava de tudo dele. Seu corpo, seu coração.

- "Joe. Oh, Deus. Joe". Os dedos dela apertaram os ombros dele enquanto as pernas dela se erguiam, e envolviam as costas dele enquanto ele a deixava louca com o prazer que a queimava.

- "Isso, neném", ele sussurrou, enquanto a cabeça abaixava até o pescoço dela. "Tão doce e apertado". A voz era gutural, pulsando com luxúria. "Eu poderia foder com você para sempre, Maggie. Nunca parar. Eu nunca quero nunca mais parar".

O ritmo feroz era demais para conter. As terminações nervosas intatas por mais de dois anos chiavam com a intensidade das sensações que as acariciavam. As explosões da proximidade do orgasmo começavam a ondular pelo tecido tenro, enquanto Joe gemia roucamente com o aumento do apertando em torno da ereção.

Ele gostava disto, ela se lembrava. O modo como ela se apertava ao redor dele antes do clímax, sentindo a corrida de sensações em direção a conclusão.

- "Goze por mim, Maggie". Ele mordiscou a orelha dela eroticamente "Goze por mim, neném, deixe-me te sentir me sugando. Agora, neném. Agora".

Ele se moveu mais rápido, impossivelmente mais fundo. Maggie sentiu a lasca de sensações dentro dela enquanto um orgasmo mais forte e mais duro a agarrava. Ela não podia gritar, não havia respiração para gritar, nenhuma força para lutar contra as explosões que a tomavam, enquanto o grito de Joe entrava em sua mente.

Ele ficou tenso sobre ela, mergulhar fundo pela última vez antes de ela o sentir se convulsionando dentro dela, sentir ele se derramando no preservativo que ela usava.

- "Maggie. Deus, Maggie. Eu senti a sua falta..."

O coração dela se apertou com as palavras, com a emoção que ela se enganou a acreditar que tinha ouvido. Ela o amava. Sempre tinha amado. Naquele momento, Maggie sabia que nada e nem ninguém iria substituir Joe em seu coração, nunca.

Capítulo Sete

- "Você realmente o amava?".

A pergunta de Joe não era inesperada. Horas depois da luxúria e fome que haviam queimado totalmente até virar um brilho fosco, o sono tinha roubado a força deles. Agora acordada, ele a abraçava, as costas contra o tórax dele enquanto ela assistia o dia surgir além da janela do quarto.

Ele não queria confronto dessa vez, não como ele queria quando tinha questionado sobre Grant antes. Ele estava quieto, reflexivo. Infelizmente, era assim que ele ficava ainda mais perigoso. E ela estava muito ciente do fato de que agora mesmo ele não tinha nenhuma intenção de permitir a ela se esquivar do assunto. E talvez estivesse na hora de enfrentar isto, enfrentar a verdade dos erros que tinha cometido.

- "Eu pensei que amasse", ela finalmente respondeu. "Eu queria amar, até algumas semanas depois do casamento. Ele era o homem com o qual pensei ter casado...", ela pausou. Ela não queria quebrar a paz frágil entre eles.

- "Você poderia", ele respondeu.

Ele soava como se tivesse aceitado. Não havia raiva em seu tom, ele não estava tenso. Ela não esperava por isto. Nos dois anos e meio anteriores ela tinha visto Joe apenas uma única vez, durante seu casamento, quando ele tinha sido o padrinho do noivo. Tinha sido um inferno. No momento em que ela tinha sussurrado os votos para Grant algo tinha se partido na própria alma.

Ela deveria ter partido então; ela tinha admitido isso a si mesma há tempos. Quando os votos tinham ficado presos na garganta, e as lágrimas fluíram, não de felicidade, mas de tristeza e sofrimento, ela deveria ter girado e partido.

Mas ela não queria machucar Grant. Ela gostava profundamente dele.

- "Eu poderia", ela emendou. "Se eu tivesse me deixado fazer isso".

- "Você se deixaria?".

Aquela pergunta não mais a assombrava. A princípio tinha, nas primeiras semanas quando ela tinha se questionado tão profundamente, antes que Grant tivesse se mostrado o bastardo que era.

- "Se ele tivesse sido o homem que pensei que era". Admitir isto para si mesma era a parte mais difícil. "Então eu poderia tê-lo amado". Ela teria passado a vida amando dois homens, em vez de apenas um.

- "Você não teria". A resposta a fez se mover nos braços dele, girando até que pudesse encará-lo.

- "Eu me casei com ele", ela assinalou, ignorando o olhar sombrio que ele relampejou. "Eu gostava dele, Joe. Profundamente".

- "Você gostava dele, não o amava". A mão larga dele segurou o rosto dela, o dedo polegar acariciou suavemente os lábios inchados. "Você nunca o teria adorado, Maggie. Porque você me amava".

Ela respirou roucamente enquanto o encarava de volta, se lembrando das noites em que o havia desejado, sonhado com ele. Noites em que tinha chorado por ele.

- "Eu gostava dele", ela repetiu. "Ele não era o homem que pensei que era, então eu não me dei a chance de amá-lo".

Ela o sentia atrás de si, duro, ereto. Mas não havia nenhuma demanda nele, pelo menos não ainda. Ele alisou o cabelo dela para trás no rosto enquanto a assistia pacientemente, o olhar suave como veludo, talhado com emoção.

- "Não teria importado". A arrogância que de repente se estampou em suas feições mais velhas fez a raiva chiar dentro dela. "Você me amava, Maggie. Ainda me ama. Você se casou com Grant amando outro homem E sabe disso".

Ela friccionou os dentes. Ela não iria discutir com ele. Discutir com ele não a levaria a lugar algum.

- "Pare com isto, Joe".

O sorriso dele era condescendente. "Você sabia quando se casou com ele que não o amava. Você me amava. Admita".

- "Para que? Para você poder se vangloriar? Para que você saiba que ganhou?".

- "Oh neném, eu já sei que ganhei", ele rosnou. "Eu apenas quero me certificar de que você saiba isto".

- "Eu sei que você precisa ser o homem mais exasperante que eu já conhecia na minha vida", ela retrucou, saindo do abraço dele enquanto se movia na cama. "Você não pode evitar, não é, Joe? Ser um babaca está tão enraizado em você..."

- "Eu te amava, Maggie".

O anúncio tranquilo e baixo a fez se calar. Ela o encarou surpresa, os olhos largos, a alegria que poderia ter sentido um dia obscurecida por mais de dois anos de dor.

- "Você me amava?".

Maggie observou enquanto Joe sacudia os cobertores para trás e se movia para o lado oposto da cama. Os músculos das costas e das nádegas movendo enquanto ele ficava de pé antes de se voltar para ela.

Ele estava excitado. O comprimento duro de sua ereção sobressaía exigentemente. Musculoso, duro e orgulhoso, o poder em seu corpo que sempre a atraía.

- "Você parece surpresa", ele grunhiu. "Eu não tive uma mulher desde que você deixou a minha cama. Você acha que foi por que eu não tinha opções?".

Claro que não seria por isso. Joe era altamente sexual, uma criatura da luxúria quando o assunto era seu próprio prazer. Isto não significava amor. Significava? Será?

- "Acho que estou com muito medo de que você esteja fazendo um maldito jogo comigo", ela admitiu a possibilidade para si mesma. "Você me apavora, Joe, simplesmente porque possui o poder de me destruir nas palmas das mãos. E se você já me julgou culpada, não hesitaria em usar quaisquer armas que pudesse dispor. Até mesmo mentir".

Os olhos dele se estreitaram para ela; a distância entre eles de repente parecia muito maior e muito mais difícil de cruzar do que tinha sido até os dias anteriores.

- "Você está certa", ele finalmente respondeu. "Se eu pensasse que você estava mentindo, se pensasse que você estava envolvida, nada te salvaria, Maggie. Mas eu não menti para você. Eu não acredito que você esteja envolvida".

- "Você de repente achou todo esse amor por mim que não estava lá há dois anos e meio?", ela puxou a camisa longa que estava no chão e a vestiu com as mãos tremendo.

- "Sempre estive lá, Maggie". Ele não se preocupou em colocar a calça de moletom, apenas ficou de pé a encarando, tão excitado, orgulhoso e confiante que ela queria jogar algo nele.

O sorriso dela era zombador enquanto agitava a cabeça lentamente.

- "Eu não acredito em você, Joe".

Um franzir surgiu entre as sobrancelhas dele.

- "Oh, sério?".

O perigoso tom de meia-voz não era exatamente um som confortável.

- "Sério". Maggie ignorou a sensação nervosa se formando na barriga enquanto o enfrentava.

Ela nunca tinha realmente desafiado Joe, não em nada que ele dissesse ou quanto aos parâmetros da relação. Confrontações não eram a primeira escolha dela para se resolver qualquer coisa, mas enquanto o encarava, ela percebeu que este confronto em particular estava acontecendo desde que ele a tinha trazido da delegacia de polícia.

- "Você não quer fazer isto agora, Maggie", ele a advertiu tranquilamente. A suavidade aveludada da voz era um sinal certo de que seu mau temperamento estava despertando.

- "Eu não quero continuar com isso, ponto final, Joe". Ela deu as costas a ele, curvando para pegar a parte inferior do pijama antes de colocá-lo. "Não vale a pena sofrer a dor que você pode me oferecer. Parei de acreditar em contos de fadas há dois anos e meio". Ela se virou para ele, lutando contra a necessidade de acreditar nele mesmo quando duvidava dele. "Especialmente os seus".

Ela não esperava pela resposta súbita. Joe sempre tinha agido muito calmamente. Friamente. Ele nunca perdia o controle.

Até aquele momento.

A mudança veio na expressão dele tão de repente que Maggie não teve nenhuma chance de reagir. Em um segundo a fachada de calma tinha caído. Os

olhos escuros estreitados, a carne junto das bochechas apertadas, e ele saltou sobre a cama, cruzando-a em um passo antes que ele ficasse na frente dela.

Virar para correr não era realmente uma opção, mas ela tentou de qualquer maneira. Com um chiar de alarme ela girou e tentou saltar para a segurança do banheiro, apenas para sentir a algaema do braço fortemente musculoso dele envolvendo sua cintura enquanto ele a empurrava contra a parede.

- "Você parou de acreditar nas merdas dos meus contos de fadas?", a voz dele era um grunhido rouco na orelha dela enquanto ela sentia o aumento na batida do coração, o sangue de repente trovejando irregularmente pelas veias. Não havia medo. Não havia medo enquanto as mãos dele literalmente rasgavam a camiseta do corpo dela e ele jogava os restos para o lado, o tempo todo a mantendo no lugar enquanto ela lutava contra ele.

- "Você está louco?", ela gritou, mais chocada do que qualquer outra emoção. De onde diabo esse Joe tinha vindo? Ela podia sentir a raiva, a luxúria e algo mais. Algo mais na extremidade do toque dele que fez o coração dela saltar com esperança.

As mãos dele eram gentis apesar de sua força dominante, o corpo a controlando, mesmo enquanto ele golpeava contra ela. Isto não era um ato. Ela podia sentir nas mãos dele, na fome súbita, no ar dominante e ardente ao redor deles.

- "Acredite neste conto de fada então, maldição", ele grunhiu na orelha dela enquanto o comprimento de seu membro se apertava contra a fenda das nádegas dela. "Você quer realidade, por Deus? Isto é a realidade, Maggie. Eu não posso aguentar o toque de outra mulher, e saber que você dormiu na cama daquele bastardo come os meus intestinos como uma porra de um ácido. Ele era a merda do meu melhor amigo, e tudo o que eu queria era deslizar na cama dele e foder sua esposa até que ela gritasse o meu nome e implorasse por mais. Isto é realidade suficiente para você?".

Ela estava ansiando por ele, no espaço de segundos estava tão excitada e tão faminta por ele como ele obviamente estava por ela. Ela podia sentir o pulsar da luxúria no comprimento cheio de sua ereção enquanto ele recuava e então abria mais as coxas dela.

- "Você me deixa muito louco".

Uma estocada dura e desesperada a encheu com sua carne, fazendo-a ficar na ponta dos pés e gritar o nome dele.

- "Joe, por favor..."

- "Sim", ele retrucou, a voz espessa com luxúria. "Joe. É Joe, Maggie. É o Joe quem está fodendo você e é o Joe que vai te fazer gozar. Goze por mim, neném. Oh, Deus... Maggie".

Ele parou enquanto sentia como era estar dentro dela, nu, a barreira do látex que ele normalmente usava não mais lá.

- "Merda. Oh, inferno, Maggie, você é tão gostosa".

Ele estava perdido. Joe sabia que estava perdido e que não havia nada que ele pudesse fazer sobre isto. A amargura, a dor na voz e na expressão dela como se duvidasse das emoções que o haviam torturado por tanto tempo acabaram com seu controle. O controle que ele tinha construído pela própria sanidade, controle que ele tinha jurado que nunca perderia com Maggie.

Mas ele estava lá, o pau enterrado totalmente dentro dela, totalmente nu, pulsando com a necessidade de despejar seu sêmen dentro dela. Sem preservativo. Algum instinto primitivo dentro dele gritava a negação enquanto ele cerrava os dentes e lutava para sair, apenas para retornar para uma estocada que roubava a respiração do próprio corpo.

- "Oh, foda, é tão bom", ele sussurrou na orelha dela enquanto segurava as mãos dela contra a parede, movendo os quadris, e golpeando brutalmente o canal apertado que o envolvia. "Maggie, neném. Você é tão doce e suave. Tão quente..."

Ele não sabia como deixá-la ir. Ele sabia que devia, que precisava. Esse era um risco que ele não deveria tomar, um risco que nunca deveria ter se permitido. Mas ele não podia soltá-la. Deus, ele não podia deixá-la ir.

- "Joe...", havia uma sensação de admiração na voz dela. O cinismo tinha ido embora, a dúvida também. A inocência enchia seu tom, a mesma inocência que ele tinha ouvido na noite em que tinha tomado sua virgindade.

Inferno, ele tinha ficado tão chocado quanto agora com o som. Uma mulher de quase vinte e seis anos de idade não deveria ser uma virgem nos dias de hoje. Mas Maggie era. Ela tinha dito rindo que estava apenas esperando por um homem que pudesse fazer mais do que deixá-la formigando. Um que pudesse deixá-la desesperada. E ele a deixava desesperada.

Ela o deixava desesperado.

- "Tudo bem, neném". Ele estava arquejando com o esforço de não gozar, de não a encher com a liberação furiosa que deixava suas bolas apertadas. "Oh Deus, Maggie. Diga que tudo bem. Diga que tudo bem".

Ele tinha que se mover. Ela era tão suave como seda, lisa, apertada, prendendo-o enquanto ele dava estocadas curtas, duras que faziam uma corrida de prazer radiante descer do membro até apertar o escroto. Ele estava temendo, literalmente, com o prazer apertando seu membro. Era agonizante, devastador, a maior sensação que ele já tinha conhecido na vida.

- "Joe, por favor... mais forte. Por favor".

Os quadris estavam apertados contra ele, os músculos internos o sugando. Inferno, não era como se ela fosse a primeira mulher que ele tomava sem preservativo. Tinha havido outras. Algumas. Mas nunca tinha sido assim. Ela era tão lisa, tão apertada que os sons suaves da sucção nos movimentos o estavam matando.

O esforço de não gozar o fazia sentir um prazer torturante. Ele sairia, ele se assegurou, ele tinha que sair. Tinha.

- "Você está... tomando pílula? A Pílula, Maggie". Por favor, Deus, que ela esteja tomando pílula. Que ela esteja protegida.

Ela agitou a cabeça, mesmo enquanto sua buceta o apertava. Os quadris batendo contra ele, levando-o mais fundo e forte antes de ele se forçar a parar.

Ele não podia respirar com a necessidade de gozar.

- "Mexe-se". Ele estava no ponto de implorar. "Saia de mim, Maggie. Por Deus, faça isto agora. Eu não posso fazer".

Ele soltou o aperto nas mãos dela, mas não podia se livrar dela. Inferno, aonde tinha ido seu controle?

Onde estava seu bom senso? Se ele gozasse dentro dela, ela engravidaria. Ele sabia que iria. Algum conhecimento instintivo apertava suas entranhas, queimava seu tórax.

Ela não foi para longe dele, ela se moveu para mais perto. Os quadris se movendo enquanto os dedos se abriam contra a parede.

- "Neném...", ele olhou para o perfil do rosto dela, a bochecha apertada na parede, os olhos abertos com prazer sonolento, sensual. "Eu gozarei dentro de você, Maggie".

A respiração dela prendeu. Ele viu, viu o rubor nas bochechas, sentiu um aperto adicional de sua buceta enquanto a excitação dela aumentava.

- "Eu te darei um filho meu, Maggie. Meu bebê. É isso o que você quer?", ele queria. Oh Deus, ele queria tanto. Um bebê crescendo embaixo do coração de Maggie, abrigado pela mulher que possuía a alma dele.

A dúvida dela não importava. Ele a amava, e era homem o suficiente para admitir que tinha sido um tolo em acreditar que Maggie poderia ter ajudado Grant de alguma forma. Ela era sua mulher. Sempre tinha sido sua mulher.

Ele tinha sonhado com ela por mais de dois anos. Sonhado com ela de volta em sua vida, em seus braços, o corpo ficando cheio com seu bebê. Deus, ele queria isto. Queria amarrá-la a ele no modo mais elementar, em um laço que nunca poderia ser desfeito.

- "Eu amo você, Maggie", ele sussurrou novamente enquanto abaixava os lábios até a bochecha dela e um feroz e involuntário movimento dos quadris o fez empurrar contra ela novamente.

Era o céu. Êxtase. Senti-la envolvendo-o, apertando-o tanto que ele mal podia respirar com o prazer.

- "Joe...", a emoção espessa na voz dela enquanto os dedos apertavam ao redor dos dele. "Deus, por favor, não me machuque novamente. Por favor, Joe..."

Ele viu a lágrima descer pela bochecha dela, teve um vislumbre do medo e a emoção que enchia seus olhos. E ele sabia a dor que ela temia, que ele a deixasse ir, que ele escondesse a necessidade, a fome e o desespero que sentia por ela novamente.

Não havia como esconder agora. Não agora, não mais. Ele era instinto, um macho reivindicando sua fêmea; mais animal do que homem enquanto lutava para segurar para ele a única pessoa que sabia que não poderia mais sobreviver sem.

-"Eu não te deixarei ir novamente, Maggie". Ele estava em modo piloto automático e sabia disto. E odiava. Apenas Maggie podia fazer isso com ele, e era por isso que ela o tinha apavorado dois anos e meio antes. Foi por isso que ele a tinha deixado ir embora quando ela tinha acreditado que não havia nenhuma esperança para a emoção que precisava dele.

-"Oh, Deus, Joe. Eu não poderei viver sem você novamente". Ela estava se movendo contra ele, prendendo-o, contorcendo-se contra ele. "Eu sempre te amei, Joe..."

A sanidade desintegrou sob as palavras dela. A cabeça dele abaixou, os lábios cobrindo o ponto sensível entre o pescoço e o ombro dela enquanto ele começava a se mover. Duro. Rápido. Fundo. Ele estava lutando para respirar, sentindo-a apertar ao redor dele, ouvindo seus gritos na orelha, e finalmente sentindo ela se dissolver ao redor dele.

Doce e apertado, o aperto quente da buceta dela começou a sugar sua ereção, contrações longas de prazer que o fizeram sacudir dentro dela, as costas arqueando, o pescoço curvando para trás enquanto sentia o sêmen despejar. Jatos espessos e firmes de êxtase banhando a profundidade de sua buceta enquanto ele clamava o nome dela.

Ele ouviu a própria voz, gutural, estranhamente rouca, enquanto tentava ir ainda mais fundo dentro dela, enchendo seu útero, amarrando-a a ele do modo mais elementar e primitivo possível.

Ela era dele. Apenas dele. E pelo bem de Maggie, sem mencionar o dele mesmo, ele esperava que ela percebesse isto.

Capítulo Oito

Maggie estava saindo do chuveiro horas mais tarde, o corpo agradavelmente dolorido e cansado e com uma deliciosa lembrança da perda de controle de Joe dentro dela.

Enquanto ela se secava, esfregou a toalha sobre a barriga lenta e pensativamente. Ela sempre tinha desejado crianças, sonhado em ter filhos com Joe. O conhecimento de que uma vida poderia estar crescendo dentro dela agora mesmo enviava um calafrio de excitação pela espinha dela.

Ela nunca tinha se permitido desejar ou sonhar que isto realmente pudesse acontecer. Mas desde as horas da primeira exibição chocante de dominação primitiva, Joe não tinha feito nada para recuperar o controle. Mais cedo quando ele

tinha ficado dentro dela, ele a tinha levado de volta para a cama, movendo-se sobre ela, e reivindicando-a novamente. E ele não tinha parado até que a manhã estivesse bem adiantada e a vontade por comida os tinha guiado até a cozinha.

Eles tinham tomado banho juntos, mas Joe tinha terminado depressa e se apressado para deixar o pequeno box, jurando que se não saísse de perto dela, ele iria matar ambos de tanto tomá-la.

Maggie sorriu com o pensamento à medida que se vestia, puxando a calcinha sedosa pelas coxas doloridas antes de colocar o sutiã, e então a calça jeans e uma camiseta.

Ela tinha o pressentimento de que qualquer coisa que exigisse muito esforço hoje seria descartada da lista de coisas para fazer. O que significava que a conversa que ela tinha pensado em ter com Joe estava definitivamente fora de questão.

Sentada no tamborete pequeno no canto do banheiro, ela puxou as meias antes de se erguer e sair para o quarto. Ela colocou os pés no tênis desamarrados antes de se mover para a porta fechada do quarto e abri-la.

Indo até a entrada, ela parou quando viu primeiro Joe e então Craig se movendo na cozinha. Ambos estavam segurando xícaras de café e tinham as armas agarradas nos cintos. Joe tinha ficado armado pela última semana e ela sabia, mas nunca tinha sido assim tão descaradamente.

-"Maggie". Ele parou na sala de estar, os olhos castanhos observando-a preocupadamente. "Entre, docinho. Beba um pouco de café".

Craig deu a ele um olhar surpreso por causa do tratamento íntimo.

-"Está tudo bem?", ela perguntou.

Craig Allen era parte da unidade do DEA que Joe estava comandando antes da morte de Grant. Ele não sabia do envolvimento dela com Joe antes do casamento, assim como todos os outros também não sabiam.

-"Temos algumas informações". A expressão dele não era confortante, mas pelo menos ele não estava fingindo que eles eram estranhos.

Inconscientemente, a mão dela foi até a barriga enquanto lutava contra o nervosismo se formando dentro do corpo. Os olhos de Joe seguiram seu movimento, as narinas chamejando enquanto as maçãs do rosto coravam com luxúria. A espinha tremeu em resposta, enviando um pequeno tremor pelo corpo dela à medida que ele a assistia.

Maggie tragou firmemente, desviando o olhar de Joe para Craig, observando ambos suspeitosamente.

-"Posso passar sem o café no momento, então". Ela respirou profundamente, sentindo uma sensação insidiosa de desastre se formando no peito.

-"Venha aqui, neném". Ele obviamente não se importava com o que Craig visse ou pensasse.

Ele foi até ela, trouxe-a para os braços, e beijou-a na bochecha confortantemente.

-"Vai ficar tudo bem", ele prometeu.

Maggie teve um vislumbre da expressão de Craig. Definitivamente surpresa e suspeita. Mas o frio calculista que espreitava atrás de ambos deixou-a nervosa.

- "O que está acontecendo?", ela deixou Joe levá-la ao sofá, sentando nervosamente enquanto Craig tomava uma cadeira na frente deles.

- "Sua casa foi vandalizada ontem". Craig não era de dar voltas, também.

Enquanto ele se sentava, os olhos castanhos a observavam atentamente, procurando, ela sabia, por uma resposta culpada, assustada.

- "Era a casa de Grant". Ela encolheu os ombros. "Se eles foram lá e a vandalizaram..."

- "Não foi vandalizada da maneira típica", Craig interrompeu. "O carpete foi arrancado na maior parte dos cômodos e colocado de volta. Nós levamos uma equipe até lá, mas não achamos nada embaixo dele. Chegamos lá antes que todos os cômodos fossem mexidos, mas não achamos nada, e sabemos que quem foi lá também não achou nada".

- "O carpete?", ela agitou a cabeça em confusão. "Por que arrancar o carpete?".

- "Eles estavam procurando por fundos falsos no chão", Joe disse enquanto colocava o braço ao redor dos ombros dela, roçando os dedos no braço dela em conforto.

Ela deu uma olhada rápida para ele com uma carranca, agitando a cabeça. "Isso não faz sentido".

- "O carpete poderia ter sido cuidadosamente cortado para não dar diferenças, mas poderia ser arrancado para acessar algumas tábuas escondidas presas ou soltas no chão onde os objetos poderiam ter sido escondidos", Joe explicou.

Maggie deu uma olhada rápida de volta para Craig. Ele a estava observando atentamente, cheio de dúvida. Ele pensava que ela sabia onde as informações que eles estavam procurando estavam escondidas. Deus, ela desejava saber.

- "Você verificou todos os cômodos depois que viu onde eles tinham procurado?".

Craig anuiu brevemente com a cabeça.

- "Nós deixamos um time tirando o carpete durante toda a noite anterior. Não achamos nada".

Maggie esfregou a testa. Onde Grant teria escondido as informações?

- "Pode ter sido mentira", ela finalmente sussurrou, girando para encarar Joe sombriamente. "O diário era uma mentira, Joe. Ele pode ter mentido a respeito das informações".

- "Ele as tinha, Maggie". Craig a informou friamente.

Ela não podia ficar sentada quieta. Lutou para acalmar o medo que se formava dentro de si na última semana, para levar um dia de cada vez e rezar para que as informações fossem achadas. Ficando de pé, ela compassou através da sala de estar, ouvindo de forma distante Joe e Craig discutindo a busca da noite anterior.

A casa que Grant tinha sido tão orgulhoso, devia estar uma bagunça. O projeto colonial de tijolo e dois andares tinha sido uma compra importante para ele. Ele

tinha alardeado sobre a casa incessantemente porque era melhor que a de Joe. Porque com tanto dinheiro que a família de Joe obviamente tinha, eles não gostavam muito de compartilhar, porque a casa de Joe era bem pequena, com menos classe. Ela se lembrava de como ele tinha rido sobre isto. Como a casa de Joe tinha o porão úmido, era desleixada, e não era boa como a que Grant tinha conseguido comprar.

Ela compassou até a extremidade do cômodo, voltando-se para encarar os dois homens enquanto eles continuavam a conversar. Joe estava franzindo o cenho pensativamente, os olhos estreitando enquanto Craig explicava sobre as áreas que eles tinham procurado e como tinha sido detalhado.

Grant não esconderia nada na própria casa. Ele sabia que esse seria o primeiro lugar que eles procurariam. Ele era mais esperto do que isso. Ele era demoníaco. Acharia um jeito de machucar Joe, mesmo agora. Ela tinha ficado realmente surpresa por ele não ter tentado incriminar Joe com falsas evidências em vez dela.

- "Nós achamos vários esconderijos com dinheiro. Algumas drogas". Craig estava agitando a cabeça. "E mais alguns diários. Cara, ele estava doente, Joe".

Maggie assistiu expressão de Joe, mesmo agora, ficar distante. Grant quase tinha destruído uma parte de Joe. Os dois homens tinham sido amigos pela maior parte da vida. Joe o tinha reivindicado como irmão, um confidente. Ele não tinha conhecido o lado cruel e amargo de Grant que ela tinha.

- "Alguma pista nos diários?", Joe se debruçou para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos enquanto observava o outro homem.

- "Quase o mesmo que achamos nos outros". Craig encolheu os ombros. "Tópicos diferentes, mesma merda". Ele agitou a cabeça exausto. "Nós realmente não o conhecíamos, não é?".

Grant frequentemente tinha rido disso. Como os outros realmente não o conheciam, não tinham nenhuma ideia de como ele era esperto, como ele podia sempre estar à frente deles. Especialmente Joe. Joe, pobre tolo, ele ria silenciosamente, que nunca saberia como era fácil enganá-lo, como era fácil usá-lo. Indo até o carro que Joe adorava. O Mustang 69 que Joe adorava...

O Mustang. Grant odiava o carro. Ele sempre zombava quando falava dele, com uma ponta de satisfação consigo mesmo.

Aquele regozijo de escárnio e presunção sempre aparecia em sua voz.

Ela girou para os dois homens lentamente, rezando para que parecesse casual enquanto se movia na cozinha, indo em direção à cafeteira. Ela não conhecia Craig bem o suficiente, e podia estar errada. E, oh Deus, se ela fizesse Joe conseguir as informações, ele nunca iria acreditar que ela não tinha nada a ver com as atividades ilegais de Grant.

Ela apertou a mão contra a barriga, respirando profundamente enquanto parava ao lado do armário. Se ele não acreditasse nela, nunca teria ousado arriscar uma gravidez com ela, ela pensou com uma onda de esperança. Joe era muito

centrado quanto ao sentido de família. Embora tivesse muitas discordâncias com a própria família, ela sabia que ele os amava e sabia que era um feroz protetor deles.

Ela odiava isto. Odiava a posição que Grant a havia colocado. Ele tinha tanta sorte de estar morto; se não estivesse, Maggie acreditava que teria ficado tentada a matá-lo ela mesma neste momento.

Enquanto pegava uma xícara de café, ouviu os dois homens se movendo na sala de estar em direção a porta da frente.

- "Deixe-me saber o que Johnson dirá", Joe estava dizendo enquanto a porta da frente era aberta. Maggie sabia que o "Johnson" em questão era o promotor de justiça que ela tinha encontrado na delegacia de polícia.

- "Com certeza, cuide-se", Craig grunhiu. "Espero que isto acabe logo".

- "Espero que sim", Joe respondeu logo antes de Maggie ouvir a porta fechar.

Ela deixou a xícara no contador na frente da cafeteira à medida que esperava. Em segundos, ela o sentiu. Primeiro, a única impressão foi a força, o calor, então os braços dele a estavam puxando pela cintura e os lábios estavam apertando contra seu cabelo.

- "O que há, Maggie?", a voz era grossa, a meia-voz escura com excitação cruzando por ela. Ela respirou roucamente.

- "Grant não teria escondido aquelas informações na casa". O coração dela estava correndo com medo. "Teria sido achado muito facilmente. Ele não agia desse modo".

- "Foi o que pensei". Ele beijou o topo da cabeça dela novamente antes de ir para longe e permitir a ela girar para encará-lo.

Encontrar o olhar dele não era fácil, mas ela o fez. Ela achou as profundidades cor de chocolate escuro dos olhos dele cheios com calor e uma pergunta. A suspeita que ela tinha temido não estava lá, mas isso fez pouco para acalmar seu medo.

- "Do que você se lembrou, Maggie?", ele curvou a cabeça para o lado, observando-a enquanto ela fechava os dedos com força diante do corpo.

- "Você está tão certo de que eu me lembrei não é? Não que eu já soubesse, não é?", ela estava cortando a própria garganta, e sentia a respiração estrangulá-la com o gesto.

Um pequeno sorriso curvou os lábios dele.

- "Eu mereci", ele admitiu com um pequeno anuir de cabeça. "Eu não sou estúpido, neném. Você viveu com ele por dois anos. É apenas lógico que você possa ter ouvido falar de algo que eventualmente irá se lembrar".

- "Não que eu estava trabalhando com ele?".

- "Maggie". Ele empurrou para trás as mechas de cabelo dela que tinham caído sobre o rosto para detrás da orelha. "Não acredito que você estava envolvida nisso, então vamos parar de pisar em ovos e terminar com isto. Se você se lembrar de algo, então me deixe saber. Nós vamos cuidar disso, tirar o perigo das nossas costas e começar a nossa vida juntos".

Ela deu uma respiração trêmula, lágrimas enchendo os olhos com a gentileza na voz dele.

- "O seu carro", ela sussurrou. "Grant estava sempre falando do Mustang. Enquanto você estava conversando com Craig, eu me lembrei de como ele tinha agido sorrateiramente na última vez. A expressão do rosto. Acho que ele poderia ter escondido as informações em algum lugar do carro".

Os olhos dele se estreitaram enquanto ele esfregava a mandíbula.

- "Ele me ajudou a reformar aquele carro", ele finalmente suspirou. "Nós trabalhamos nele por meses".

O conhecimento doloroso de que o homem que ele acreditava como sendo seu amigo o havia traído ainda estava no olhar, na careta que havia se formado em sua expressão enquanto ele desviava o olhar dela.

- "Ele deve ter escondido onde você nunca pensaria em olhar", ela assinalou. - "Ele não esperava ser morto. Essa era uma segurança caso ele precisasse comprar sua liberdade de uma condenação", ela disse devagar. "Nos últimos meses, antes de ser morto, ele estava tão certo de que era melhor do que você. Eu nunca pensei que ele iria assim tão longe".

Ela pensava que ele era louco, não um criminoso. Ela deveria ter percebido, admitiu. Grant tinha dado pistas demais, ela apenas não tinha dado ouvidos.

- "Vamos voltar a Atlanta hoje à noite". Ele anuiu abruptamente com a cabeça. "A família Fuentes já sabe que eu estou de olho em você. Eles devem estar observando a minha casa. Eu duvido seriamente de que Grant era o único espião que eles tinham no Departamento de Polícia de Atlanta ou no DEA. Então iremos devagar, verificaremos o carro, e se estiverem lá, iremos diretamente para o departamento de lá".

- "E quanto ao Craig?", ela perguntou nervosamente.

Os ombros largos de Joe apertaram antes de ele se voltar para ela.

- "Craig é o meu auxílio", ele suspirou. "Mas no momento, não confio a sua vida a ninguém mais". A expressão dele endureceu enquanto a enfrentava. "Entraremos sozinhos. Não vou me arriscar".

- "E se as informações existirem?", ela perguntou a ele. Ela pôde ver a dúvida nos olhos dele de que poderiam estar lá.

- "Se estiverem lá, faremos exatamente como eu disse". Havia uma tensão de luta no corpo dele agora, uma prontidão que a assegurava de que ele estava planejando, conspirando cada movimento daqui em diante.

- "E aonde isso nos levará? O seu promotor público, Craig, e todo mundo mais envolvido acreditará que eu sabia onde estava desde o princípio, Joe".

- "Nós pensaremos nisso quando a hora chegar", ele rosnou. "E eles não nos farão nada. O promotor público não dá a mínima para o modo como é feito contanto que ele consiga o que quer, assim como os tiras. E eu me certificarei de que eles não te queiram".

O que não tranquilizou os medos crescentes dentro dela. Mas isso realmente importava? O objetivo principal era ver se as informações estavam lá. Se estivessem, então ela lidaria com o que quer que viesse mais tarde do melhor modo possível. O modo como ela sempre tinha lidado era desagradável. Deixando para depois. Ela entraria nisso com os olhos abertos. Joe estava aqui para conseguir as informações. Se ele tinha acreditado nela, então ele confiaria nela. Se ele não acreditasse... Bem, se ele não acreditasse, então ela enfrentaria isto, e sobreviveria, da mesma maneira que sempre tinha feito. O principal era conseguir a prova necessária e tirar Fuentes e seus homens de sua cola.

Ela anuiu com a cabeça devagar. Faltavam apenas poucas horas para escurecer, e a viagem para Atlanta não demoraria muito.

- "Eu preciso fazer as malas?".

Ele agitou a cabeça.

- "Não há necessidade. Se as informações estiverem lá, então sua parte nisto estará terminada. O promotor público não precisará do seu testemunho ou uma declaração. Eu te trarei para cá até que estejamos certos de que você está segura".

Mas onde ele estaria? De repente, ela se sentiu tão distante dele como tinha sentido no primeiro dia em que eles tinham chegado. À margem da vida dele, um trabalho, e nada mais. E o pensamento verdadeiramente a apavorou.

Capítulo Nove

Joe podia sentir o medo de Maggie. Não culpa, apenas medo. Era espantoso como ele facilmente podia lê-la.

O modo como os olhos verdes escureceriam até a sombra do musgo, um franzir enrugando a sobancelha. O modo como ela prendia o canto do lábio inferior entre os dentes e se preocupava distraidamente. Isto era preocupação, concernimento, não culpa.

Ele se lembrava da culpa. Durante os meses que eles tinham passado juntos, Joe percebeu que tinha aprendido bastante sobre Maggie. As coisas que ele não sabia, tinha aprendido nesta última semana.

A culpa era uma ausência cuidadosa de expressão. Ela tinha usado várias vezes a culpa durante a antiga relação deles quando ela tinha tentado negar que estava pedindo mais—mais compromisso, mais emoção da parte dele. Era o modo como ela olhava para baixo enquanto pegava a bainha da camisa ou olhava as unhas. Era o tom da voz que aprofundava o sotaque. Isso era culpa.

O que ele tinha visto agora era medo, e não era medo por ela mesma. Era o mesmo medo que ela tinha mostrado logo antes de ele tomar a virgindade dela, encarando-o, os olhos escuros, os dentes tocando o lábio inferior, o pequeno franzir

entre as sobrancelhas. O medo do coração partido, ou de se colocar em um lugar onde não pertencia verdadeiramente.

Maggie era fácil ler, diferentemente de Grant. Grant tinha sido treinado para mentir—estar no DEA exigia um certo talento com o subterfúgio— e Grant sempre tinha sido incrivelmente bom nisto. Tão bom, de fato, que isso tinha nublado a amizade que Joe pensava que eles tinham, tinha feito com que ele nunca tivesse suspeitado.

Ou talvez ele tivesse.

Ele se lembrava da sensação inquietante que sentiu logo antes de encontrar a "noiva" de Grant. A sensação de que ele estava fazendo um jogo cuidadosamente calculado. Joe tinha forçado a esconder isso de volta, especialmente depois de encontrar Maggie. Pequenas coisas, Joe admitia, que ele deveria ter considerado há mais tempo. Grant tinha mostrado breves momentos de ciúme zombeteiro. Isso tinha deixado Joe desconfortável no momento, mas ele tinha lutado para ignorar. Ele nunca deveria ter ignorado.

Enquanto ele assistia Maggie voltar com o café, viu tristeza nos olhos dela e queria conhecer alguma coisa, qualquer coisa, para aliviá-lo.

Ela não tinha nenhuma ideia, até agora, de como a amava. Inferno, ele não tinha sabido até essa mesma manhã, quando a necessidade de amarrá-la a ele para sempre o havia tomado.

Primitivo. Ele tinha sido como um animal tomando sua companheira, e droga, ele queria fazer isto de novo.

Ele a assistia, a defensiva curva dos ombros dela como se esperasse um soco, os movimentos cuidadosos enquanto despejava o café. Ela mantinha o rosto abaixado, mas ele jurou que podia sentir o medo e a dor irradiando dela. Tão fortes quanto ela podia ser, ele sabia que Maggie tinha um traço de sensibilidade que era frequentemente seu defeito. Uma sensibilidade que estava partindo o coração dela agora mesmo. Ele apostava que os pensamentos dela não eram sobre si mesma, mas sobre ele, e o que ele estaria pensando por ela saber um possível lugar onde Grant pudesse ter escondido as informações.

Confiar poderia ser o maior engano que ele tinha cometido na vida, como Craig obviamente acreditava. Joe tinha lutado para confiar nela, da mesma maneira que ele tinha lutado contra o amor que sentia por ela antes. Uma batalha que ele tinha perdido, e nem mesmo tinha percebido.

Ela ergueu a xícara de café e bebericou antes de colocá-la de volta no contador. Ela sabia que ele estava atrás dela, e com a maioria das pessoas, esse gesto seria de culpa. Mas, ainda bem, Maggie não era como a maioria das pessoas.

-"Craig não ficou contente com o que viu quando eu entrei", ela sussurrou.

Joe ouviu a incerteza na voz dela, o medo de que os pressentimentos de Craig pudessem criar um buraco entre eles. As lembranças que ele tinha com ela não eram das melhores, e ele admitiu que passar pelos medos dela não seria fácil.

- "Craig ainda está lidando com o que aconteceu com Grant". Inferno, ele também. De um time de quatro homens, apenas ele e Craig tinham sobrado. Ambos ainda sentiam muito pesar pela perda de Lyons, assim como a traição de Grant.

- "Não estamos todos?", o comentário doloroso dela o fez fazer uma careta em remorso.

- "É uma lição aprendida", ele suspirou. "Eu confiei em Grant ao ponto de não pedir que a segurança o checasse, e apaguei a dúvida quando deveria ter ido adiante. Foi um erro que eu não voltarei a cometer".

Ela ainda não o havia encarado. Deus, ele esperava que ela não estivesse chorando. Ele não achava que poderia lidar com as lágrimas de Maggie; partiria o coração dele.

- "Eu deveria ter te protegido melhor", ele disse finalmente, a voz áspera com culpa. "Eu estava com tanto ciúme do que pensava que ele tinha com você que não podia aguentar chegar perto de você. Se eu tivesse me aproximado, teria percebido que havia algo errado".

- "Então você vai tomar a culpa pelo meu casamento também?", o cabelo vermelho vibrante e ondulado caía sobre os ombros dela enquanto ela agitava a cabeça. "Você adora ser castigado, Joe. E isso está errado. Eu nunca te deixaria ver o pesadelo que o meu casamento se transformou. Eu não poderia suportar isto".

Ela colocou a xícara de lado e então girou lentamente para ele, cruzando os braços sobre os seios enquanto o encarava, tristeza brilhava nos olhos.

Um sorriso cansado brotou nos lábios dele.

- "Eu teria notado, Maggie". Ele teria visto nos olhos dela. Ela não era uma mentirosa. As emoções ficavam sempre claras nos olhos, tão fácil de ler que ele sempre tinha conseguido ficar quase um passo à frente dela na antiga relação deles. "Eu teria percebido e isso teria me deixado louco".

- "Porque você me amava?", a dúvida na voz era clara.

- "Porque eu te amava, porque eu sempre te amei", ele emendou. "Porque não importa o quão duro eu tenha tentado, você era uma parte de mim. Eu sabia, sem te ver, que algo estava errado. Por dois anos eu evitei aquela casa e evitei você, e eu não sou assim. E eu não podia entender por que a evitava. Acho que uma parte de mim sempre soube".

Admitir isso era como cortar o próprio coração. Ele a tinha deixado mal de um modo tão forte que doía através de cada célula de seu ser. Já era ruim o suficiente ele a ter deixado ir, mas ele não tinha se assegurado de que ela estivesse bem.

- "Grant era muito bom em mentir", ela sussurrou, roçando as mãos nos braços dele como que para repelir um calafrio. "Ele enganou a nós dois".

Sim, ele tinha, e Joe nunca se esqueceria dessa lição. Isso não queria dizer que ele a deixaria pagar ainda mais do que já tinha.

- "Maggie, eu já te peguei sobre uma mesa de cozinha?", a necessidade de tê-la crescia a cada segundo.

Os olhos largos em choque, como se a mudança de assunto tivesse vindo muito depressa para que ela processasse.

- "O quê?"

Ele se moveu para mais perto, as mãos indo para o botão da calça jeans, enquanto os dedos dela seguravam os pulsos dele em reflexo surpreso.

- "Eu já fodi com você sobre uma mesa de cozinha?", ele abaixou a voz, vendo o pequeno calafrio correr pelo corpo dela com o som da voz.

Maggie era muito sensualista. O gosto, toque, os sons de excitação, tudo isso a excitava quase tanto quanto o próprio ato.

Enquanto ele soltava o botão de metal da calça, os olhos dela escureciam mais e um rubor tomava o rosto. Os cílios baixaram enquanto os olhos ficavam sonolentos, famintos e cheios de suspeitas.

- "Sexo não resolve tudo". A respiração dela era áspera, fazendo o peito subir e cair com movimentos rápidos e curtos.

Duros e pequenos mamilos apertavam sob o tecido, a boca de Joe encheu d'água para saboreá-los. Ela tinha a carne mais suave, mais doce e os mamilos mais duros que ele já tinha tomado na boca.

- "Sexo não resolve tudo, mas com toda a certeza deixa a vida muito mais doce". Ele deitou a testa contra a dela enquanto abaixava o zíper da calça dela. "Eu confiei sua vida a Grant uma vez", ele sussurrou, olhando fixamente os olhos dela, dando a verdade sobre si mesmo, como ela sempre tinha dado a ele.

- "Nunca mais confiarei em outro homem para proteger o que me pertence, ou abraçar o que eu devo abraçar, Maggie. Você me ensinou a confiar em você de um modo que Grant nunca fez. Com o seu coração e a sua alma, muito antes de eu ter aprendido sobre a traição dele".

Era a verdade mais básica que ele sabia dar a ela. Dois anos e meio atrás ela tinha ido para longe dele em vez de ficar em uma relação pela metade e esconder o que sentia, como ele tinha se contentado em fazer. Ela tinha escapado e tentado seguir, tentado viver sem ele. Qualquer mulher gananciosa o suficiente para se envolver no esquema de Grant nunca teria feito tal coisa, especialmente considerando a vidinha mole que ele tinha oferecido a ela como sua amante. E ele tinha feito a oferta, exatamente quatro horas antes de ele chegar naquela festa com outra mulher no braço.

Ela tinha mostrado a ele como era. Quem era. Uma mulher disposta a partir, ir embora do que mais queria, em vez de se rebaixar para aceitar as necessidades egoístas de outra pessoa.

- "Você não acreditou em mim na época", ela o lembrou, mas a voz quebrou enquanto as mãos dele entraram sob a camiseta dela. "Eu pude ver nos seus olhos, Joe. E depois que nós viemos para cá..."

- "Eu não acreditava em mim mesmo, Maggie". Ele ergueu a camisa dela através da barriga lisa, acima dos seios e finalmente a arrancou. "Nunca foi de você que eu

duvidei. Cada instinto dentro de mim me empurrava para te arrancar de lá. Fui eu que duvidei. Por pouco tempo”.

Ela usava um sutiã branco de renda que não fazia nada para esconder os montículos inchados dos seios, as pontas eriçadas dos mamilos.

- "Eu já mencionei que amo os seus mamilos?", ele soltou o fecho entre os seios antes de pegá-los entre as mãos, eles subiam e desciam rapidamente junto com a respiração.

- "Não a algum tempo". Ela estava arquejando agora. Ele amava quando ela arfava por ele. "Nós precisamos discutir algumas coisas, Joe. Não transar”.

- "Hmm, terei que me lembrar de mencionar isto. E nada mais importa Maggie, não agora. O resto nós lidaremos quando tivermos que lidar”.

Ele abaixou a cabeça, lambendo um mamilo antes de deslizar lentamente a língua enquanto ouvia a arfada trêmula que deixava os lábios dela.

Era assim que ele gostava dela, suave e se derretendo em seus braços, aquelas pequenas arfadas abafadas saindo dos lábios enquanto o prazer começava a subjugar-lá. Palavras nunca a convenceriam neste momento de que ele confiava nela. A confiança teria que vir com o tempo, e ele entendia isto. Ele desejava isto. Mas isso não significava que ele não pudesse usar as chances em favor próprio. O corpo dela sabia o que a mente ainda não aceitava. Ela pertencia a ele da mesma forma que ele certamente pertencia a ela.

- "Joe, você tem certeza?", as unhas curtas estavam cravando nos pulsos, o olhar dela era preocupado, mas ficando mais excitado a cada segundo.

- "Mais certo do que já estive sobre qualquer coisa, neném”. Ele deitou a mão mais abaixo na barriga dela, observando-a atentamente. "Certo o suficiente para querer mais com você do que eu jamais quis com qualquer outra pessoa”.

Ele não deu a ela tempo para responder, ou tempo para protestar. Ele nunca tinha conhecido algo tão doce ou erótico quanto fazer amor com Maggie. Ela era como uma droga para o corpo dele; uma que ele não tinha nenhuma esperança de acabar com o vício.

E Deus sabia que ele tinha tentado.

Ele tinha lutado contra a excitação, a necessidade e sua crença nela por quase uma semana. E mesmo enquanto lutava, ele sabia que essa era uma batalha perdida. Da mesma maneira que tinha percebido enquanto tinha assistido o interrogatório dela através do semi-espelho.

Os lábios cobriam os dela enquanto ele retraía o soluço de resposta por sua declaração, a língua saboreando a doçura da paixão dela enquanto ele deslizava o sutiã além dos ombros antes de se mover para a calça jeans.

Ele a queria nua. Nua e aberta para ele, dando boas-vindas a ele com toda a doçura e fogo generoso que eram parte dela.

As roupas foram puxadas, rasgadas, empurradas, até que apenas a carne estava encontrando as mãos ávidas, gemidos encontrando beijos com a boca aberta que enchiam os sentidos com uma exigência despertada, imperativa.

Fome tomava a mente de Joe enquanto a mão de Maggie tentava envolver a base de seu membro. Os dedos dela quase não se encontravam, mas isso não diminuía o prazer da sensação do toque.

Como sempre, nada mais importava exceto empurrar dentro dela, tomando-a, sentindo seu orgasmo pulsando ao redor dele. Ele não se preocupava se era na cama ou no chão. As mãos se moveram para as nádegas dela e a ergueram para a mesa.

Maggie estava lutando para respirar enquanto o prazer opressivo corria por ela com uma força tão grande por seus sentidos como um fogo grego. Tudo o que ela sentia era o calor e exigência, uma necessidade pulsando em cada célula do corpo enquanto ela puxava Joe para si.

Ela sentiu a madeira fria da mesa encontrar suas costas enquanto Joe vinha sobre ela. Ele não se preocupou em manter os pés no chão, ao invés disso, ele trepou no tampo da mesa com ela, os joelhos curvados, os quadris empurrando contra ela, levando seu membro para o fundo do calor ígneo entre as coxas dela.

Havia pouca graça no ato, muito menos finura. O arranhar da fome, do medo e do desespero que estimulava a paixão deles permitia apenas a mais primitiva das respostas. Ela sentia a largura feroz da ereção dele queimar o tecido tenro de sua vagina, e entrar mais. O prazer e a dor ígneos que chicoteavam suas terminações nervosas iam dos tecidos e músculos até que cada célula do corpo dela estava enfocada somente em um ponto. A penetração de seu corpo, as estocadas duras e ferozes do membro dentro dela, e a sensação ígnea apertando o útero a cada investida.

O orgasmo era imperativo. A cada golpe ele a lançava mais alto, parecia ir mais fundo, até que toda sensação que ela possuía estava enfocada na fixa empalação.

A transpiração entre os corpos se juntava, criando uma fricção excitante enquanto eles deslizavam um contra o outro. O calor crescente entre os corpos fazia ambos ansiarem por ar, forçando a cessar bruscamente o beijo que os havia consumido enquanto lutavam para respirar.

Maggie lutou para abrir os olhos, encarando Joe enquanto as mãos dele agarravam os quadris dela para segurá-la no lugar. E os golpes bombeando de seu membro na vagina aumentavam. Os músculos do pescoço se distinguiam enquanto os tendões dos braços e tórax ondulavam com poder.

Ele estava fora de controle agora, como tinha ficado pela manhã mais cedo. Como se uma vez perdido, o poder para se manter distante, nesta área pelo menos, tivesse ido embora para sempre.

A habilidade de pensar retrocedia enquanto ele sussurrava o nome dela, abrindo os olhos, o olhar a perfurando.

-"Eu amo você, Maggie". As palavras o rasgavam, assim como seu tórax em um rosnar, o som severo ericando o útero dela e fazendo o orgasmo atingi-la.

Maggie sentiu a involuntária arqueada das costas enquanto a onda de sensação a tomava com um prazer que se aproximava da violência. Explodia cada nervo de

seu corpo e enviava convulsões colidindo no útero, enquanto a buceta começava o ordenhá-lo desesperadamente. Nada mais importava além do ápice de prazer, a ampla conclusão que ela apenas achava nos braços desse homem, e um amor que ela sabia que não poderia mais sobreviver sem. Não intata. Não completamente. Se ela vivesse sem Joe, Maggie sabia que sua alma nunca respiraria.

Naquele momento, enquanto ela o sentia ir mais uma vez dentro dela e lançar seu jato aquecido dentro dela encontrando sua liberação, Maggie soube que nunca mais poderia esperar amar fora dos braços de Joe. Porque para o coração e para alma dela, Joe era amor. Era vida.

Capítulo Dez

O passeio da cabana até Atlanta foi feito depois de escurecer, e para Maggie parecia que tinha levado a vida toda. Cada quilômetro se arrastava apesar da velocidade fixa de Joe e suas tentativas de conversas. Maggie queria nada além de chegar a casa, verificar o carro, e sair de lá.

Enquanto Joe entrava devagar na ruela atrás da casa de dois andares, Maggie deu uma olhada rápida para ele nervosamente. Ela tinha visto a casa dele antes, mas Joe raramente ficava nela, preferia o apartamento que mantinha mais distante na cidade. A casa pertencia aos pais do pai dele, e tinha sido a casa deles antes do avô ter ficado rico com vários empreendimentos.

O desvio era de madeira áspera, apesar de que em perfeita condição, e abrigado por uma varanda dianteira larga que dava a ela o charme e a elegância que sempre tinham atraído Maggie. A garagem que alojava o estimado Mustang de Joe ficava na parte de trás da casa em vez de na lateral, e dava para uma cozinha grande, familiar.

Joe colocou a caminhonete na calçada de trás e ficou sentado por vários momentos, o motor ligado enquanto olhava as portas da garagem.

- "Grant tem uma chave da garagem". Ele correu a mão pelo rosto exausto.

Eles tinham dormido várias horas antes de partirem, e apesar de ele não parecer cansado, parecia exausto. Muito como ela se sentia, Maggie pensou. Depois de dois anos de um casamento infernal com Grant, e então a última semana sabendo que a vida estava em perigo, ela se sentia exausta do lado de dentro.

- "Ele tem uma chave da casa?", ela se voltou para a garagem, olhando as janelas escurecidas enquanto o coração corria no peito.

- "Não. Apenas da garagem". Ele desligou a ignição mas não fez nenhum movimento para deixar o veículo.

Eles tinham dirigido em torno do quarteirão várias vezes durante a última hora. Joe tinha estacionado em frente à casa pelo que parecia a eternidade, antes de dirigir ao redor novamente e voltar para a parte de trás.

- "Você acha que alguém está observando a casa?", ela perguntou enquanto ele continuava a observar as sombras.

- "Não tenho nenhuma dúvida", ele suspirou. "Se eles rastrearam quem eu sou, e vou assumir que eles fizeram, e levando em consideração o fato de Grant ter falado mentiras veementes sobre mim nos diários, estou certo de que isso me levou aos novos amigos dele".

A amargura na voz dele fez o coração dela apertar com dor.

- "O que nós faremos então? Como entraremos lá sem sermos vistos?"

- "Nós não faremos nada..."

- "Não vou ficar no carro, Joe". Ela agitou a cabeça ferozmente com o pensamento. "Seria muito fácil de alguém me pegar".

- "Deixe as portas trancadas".

- "Se eles colocarem uma arma na sua cabeça, eu a destrancarei". Os nervos quase a estava sufocando.

Ele respirou roucamente.

- "Certo, nós entraremos juntos, mas fique na minha cola e pronta para se mover. Se eu disser pule, você pula, não se preocupe em perguntar a altura".

Os lábios dela se contraíram com a ordem.

- "Não perguntar a altura. Entendido". Ela anuiu firmemente com a cabeça.

- "E leve isto". Ele abriu uma caixa, e retirou um pequeno revólver. "Sei que você sabe usar".

Claro, que ela sabia—ele se certificou de que ela tomasse lições de tiros no minuto em que eles tinham começado a sair juntos anos antes.

- "O melhor amigo da mulher". Ela agarrou a arma firmemente.

- "Eu pensei que fosse o diamante", ele comentou sarcasticamente enquanto esquadrinhava a área novamente.

- "O que você acha que protege os diamantes?", ela atirou de volta, lutando para acalmar os nervos, achar pelo menos uma pequena medida da tranquilidade como a que ele estava exibindo.

- "A área é bonita aqui, abrigada com as árvores". Ele assinalou os troncos grandes dos carvalhos que cresciam entre a propriedade dele e as casas de cada lado. "Nós devemos nos assegurar enquanto nos movemos para a garagem. Mantenha as orelhas abertas e fique pronta, Maggie".

Ele alcançou o painel do carro, apagou as luzes interiores, então abriu a porta lentamente e deslizou para fora do veículo. Enquanto ficava de pé ao lado, Maggie saiu depois, ficando de pé atrás dele enquanto ele fechava a porta silenciosamente.

Eles se moveram depressa para a garagem onde Joe destrancou a porta lateral e abriu-a cuidadosamente antes de puxá-la para dentro junto com ele.

O ar na garagem estava abafado, predominando o odor de óleo de motor, com uma sugestão de pintura e graxas velhas. Maggie enrugou o nariz com o cheiro enquanto os olhos lutavam para se ajustar à escuridão.

Um segundo mais tarde uma pequena luz perfurou o ambiente preto, voltada para baixo, e angulando em direção ao Mustang 69 vermelho cereja de Joe que ele mimava como a um bebê.

- "Oi, neném", ele murmurou enquanto caminhava para o carro, batendo levemente no capô afetuosamente.

Maggie revirou os olhos.

- "Não é um neném, Joe", ela o lembrou enquanto continha um sorriso. Era uma questão antiga, e uma das poucas que ela frequentemente instigava.

- "Claro que é", ele suspirou, enquanto a mão deslizava sobre o capô antes de chegar à fechadura e levantá-la lentamente.

A lanterna se moveu lentamente acima do motor, enquanto Joe se debruçava, verificando ao redor e dentro das paredes de proteção.

- "Achar as peças para ela foi uma droga", ele disse suavemente. "Há pouquíssima partes originais deixadas para este modelo. Ela é um verdadeiro clássico".

Sim, sim, sim, Maggie sorriu com afetação. Joe estava fazendo mais do que apenas a verificação de qualquer coisa que Grant pudesse ter escondido, ele estava acariciando e alisando aquele maldito motor como se ele realmente pudesse sentir seu toque.

- "Preciso deixar os dois a sós?", ela perguntou, mantendo a voz um sussurro enquanto ele corria os dedos dentro e fora do labirinto de partes que compunham o motor.

- "Você pode olhar para o outro lado", ele murmurou. "Ela fica envergonhada se os outros a veem nua assim".

Maggie revirou os olhos.

Finalmente ele se endireitou do motor com um suspiro antes de abaixar o capô de volta.

- "Nada". Havia uma ponta de alívio na voz enquanto ele se movia ao longo da lateral do carro.

A mão dele alisou o teto antes de ele a arrastar para baixo na porta e segurar a maçaneta.

- "Sabe como foi duro achar as peças completamente originais? Sabe quantos anos eu gastei juntando tudo perfeitamente?".

- "Sua mulher dos sonhos, hmm?".

- "Ela não me responde de volta".

- "Ela também não pode ir para a mesa da cozinha com você, também. Eu me lembraria disso se fosse você".

Ele se voltou para olhá-la, e mesmo sob o pequeno brilho da lanterna, o olhar era francamente sexual.

- "Oh neném, isso é o principal", ele murmurou. "Você não tem nada a temer".

Ela revirou os olhos para ele novamente enquanto ele voltava para o carro, movendo-se nele para começar a procurar o interior. Maggie retraiu uma respiração funda, roçando as mãos contra os braços enquanto um frio nervoso corria sobre a carne.

A garagem era muito arrepiante. Havia muitas sombras, muitos lugares onde alguém poderia se esconder. Ela olhou em torno do interior escuro, os olhos lutando para perfurar a escuridão dos cantos, as longas sombras formadas pela multidão de caixas, eletrodomésticos, e Deus sabia mais o quê que tinha sido empilhado contra as paredes. Se ela não estava enganada, havia visto um vislumbre de uma armação de uma motocicleta velha pendurada no alto da parede distante.

- "Você é louco com velharias, Joe", ela murmurou.

Ele grunhiu de dentro do carro, a sombra do corpo grande se movendo no interior enquanto procurava em cada buraco e greta. Ele era meticuloso, e sabia que a liberdade dela dependia de achar as informações, ela estava começando a rezar para que elas não estivessem aqui. Se não estivessem aqui, então ela não poderia ser implicada, e não haveria nenhuma razão para temer a desconfiança de Joe.

Colocando a arma pequena que ele tinha dado a ela no bolso de trás da calça jeans, Maggie mordeu o lábio e esperou com medo nervoso enquanto Joe tomava seu bom e fácil tempo ole⁵, procurando. Ele olhou do lado do banco do passageiro, atrás do lado do banco do motorista, procurou debaixo dos bancos, ao longo dos lados, no tapete, nas paredes, em qualquer lugar que Grant pudesse ter escondido o que quer que fosse que tivesse escondido.

Enquanto ele se ajoelhava na porta lateral do motorista novamente, correu as mãos ao longo da lateral dos bancos, empurrando-o para baixo, então pausou. Ela ouviu o xingamento murmurado dele, pesada com amargura, um segundo antes de ele puxar um pequeno pacote de debaixo do banco.

- "Ele cortou o meu banco", Joe murmurou. "Bastardo. Demorei dois anos para achar aquele banco".

Ele se agachou para trás sobre as coxas, olhando para o pacote escuro nas mãos.

- "É isso?", ela se moveu para mais perto.

- "Sim". A voz estava pesada com desgosto. "Eu quase posso apostar que é. Parece que são alguns CDs, vídeos e fotos". Ele passou a mão em torno do embrulho. "Creio que achamos".

A porta de garagem foi aberta abruptamente.

- "E o Santiago aqui estava certo de que nosso amigo Grant era um mentiroso".

A voz fortemente carregada era seguida por quatro corpos grandes andando na garagem, armas erguidas, armas que pareciam muito maiores que a dela e a de Joe.

- "Pro chão".

⁵ Ole – termo usado para indicar um sulista branco com uma maneira modesta e atitudes conservadoras ou intolerantes e com sentido forte de coleguismo e lealdade a outros membros de seu grupo.

Um pulso firme prendeu ao redor do de Maggie, empurrando-a, enquanto Joe a puxava em torno da lateral do carro e ia em direção às sombras longas através das caixas empilhas ao longo das paredes.

Ela esperava tiros. Dor. Sangue.

- "Pegue-os", a ordem foi severa, um verdadeiro comando, mas o som de movimento de corpos atrás deles foi a única indicação de que a quadrilha de Fuentes estava na perseguição. O fato de eles não terem disparado ainda estava deixando-a ainda mais nervosa.

- "Vou entender que você quer fazer tudo mais difícil", a voz sussurrou enquanto uma luz brilhante surgia de repente e começava a tomar a garagem. "Não arrisque a vida da sua dama, agente Merino. Dê-nós o pacote e nós partiremos tão tranquilamente quanto entramos".

Maggie sentiu a tensão no corpo de Joe da mesma maneira que ouvia a mentira na voz do estranho. Eles nunca os deixariam sair de lá vivos, não importava o que eles fizessem.

- "Jose, mate-os agora. Você está cometendo o mesmo erro de Roberto ao tentar brincar com eles", uma voz mais jovem silvou. "Termine com eles e vamos partir".

- "Cale-se, Santiago. Roberto era menos do que o mijó do pai. Ele não tinha nenhuma noção das lições que Carmelita tinha tentado nos ensinar, considerando que eu dei bastante atenção. Eu derrotarei este cão americano nas minhas condições. Não é mesmo, agente Merino?", ele riu astutamente. "Não há nenhum triunfo na morte rápida. Uma vida humilhante é outra coisa".

Maggie tinha o pressentimento de que Jose não tinha nenhuma intenção de permitir a eles uma ou outra escolha. Ela podia ouvir isto em sua voz, sentir na tensão que chicoteava o cômodo. Ela ficou abaixada, apertada contra a lateral de uma velha lavadora, com Joe na frente dela, encobrindo-a completamente. Ela mordeu o lábio, lutando para controlar a respiração severa, forçando-se a ficar totalmente muda enquanto a lanterna vagava pela garagem.

Abaixada, com décadas de caixas espalhadas ao redor deles, Maggie mordia o lábio enquanto o som de passos se aproximava. Eles estavam procurando em torno das pilhas de caixas acumuladas, eletrodomésticos, e as bagunças gerais jogadas em um espaço de quase dois metros em cada lateral da garagem grande. Era uma bagunça. Graças a Deus.

Ela prendeu a respiração enquanto os passos passaram e foram para longe, a luz brilhante deslizando a apenas poucos centímetros de onde Joe estava abaixado.

- "Agente Merino, nós podemos fazer do modo fácil ou do modo difícil. Se você me forçar a fazer esforço, então eu tomarei a mulher e brincarei com ela um pouco antes de permiti-la morrer. Eu te deixarei viver apenas o suficiente para assistir. Ou você pode nos dar o pacote facilmente, e poderá apenas ir embora".

Maggie estremeceu com a oferta enquanto Joe virava para trás, agarrado o pulso dela novamente, e eles começaram a se mover lentamente pelas sombras,

bem agachados, indo ao longo da lateral da garagem em direção oposta à parede. A direção que eles estavam tomando os faria surgir atrás dos homens de pé na entrada. Se eles se movessem mais para fora da garagem, então haveria uma pequena chance de fuga.

- "Que desapontador", Jose finalmente suspirou. "Mas, eu apreciarei te castigar pelo esforço que vou fazer".

Joe se moveu depressa ao longo de uma fila de caixas antes de jogá-la entre uma pilha mais alta e uma cômoda velha.

Havia um labirinto construído pelas pilhas, casualmente espalhadas e menos do que seguras, mas com algumas passagens escondidas que pareciam mais por acaso do que planejadas.

Eles se moveram pelo túnel estreito, indo devagar atrás da cômoda enquanto o som de passos começava a se aproximar de onde estavam.

Joe parou atrás da cômoda, abaixou e esperou enquanto os passos passavam antes de se moverem lentamente para fora do túnel não premeditado e uma bagunça de roupas penduradas em uma prateleira longa. Talvez ser um viciado em velharias não fosse uma coisa tão ruim afinal.

- "Americanos são tão interessantes". Diversão enchia a voz que vinha logo da frente da prateleira de roupas um segundo antes do clarão de uma lanterna iluminar o chão. "Saíam meus amigos, vamos conversa um pouco".

Enquanto a prateleira de roupas começava a se mover, Joe entrou em ação. Antes que Maggie pudesse fazer mais do que arfar ele a empurrou de volta para detrás da cômoda pesada e abriu fogo.

Maggie foi pelo túnel antinatural, a mão apalpando atrás do corpo enquanto tentava alcançar o revólver no bolso atrás.

Ela tinha acabado de se mover para o outro lado da cômoda quando as caixas que enfileiravam formando o túnel caíram ao seu redor, e dedos cruéis a alcançaram, agarrando seu cabelo.

- "Não!", os dedos formaram garras enquanto ela arranhava os dedos que a seguravam, lutando contra o aperto enquanto era arrancada da segurança das caixas.

- "Prostituta ruiva!", um sotaque acentuado silvava na voz em sua orelha enquanto um braço a empurrava para trás, a mão apertada contra as omoplatas enquanto ela gritava com dor.

- "Está ouvindo os gritos, Merino?", a voz gritou quando os tiros pararam. "Estou com a sua prostituta agora".

Ela estava tremendo como uma boneca de pano enquanto lutava contra a dor que rasgava seus ombros e o couro cabeludo.

Ela foi arrastada pela garagem vagamente iluminada e eles param próximo ao homem que ela tinha conhecido na casa de Grant, apresentado como Juan Martinez. Esse era Jose Fuentes, não Martinez, e ele estava tão assustador agora quanto tinha sido no ano anterior, quando tinha se encontrado com Grant.

- "Ela é muito bonita, meu amigo". Jose agarrou o queixo dela na mão, torcendo o rosto dela enquanto a forçava a encará-lo. "Eu adverti Grant quando ele se casou de que tinha escolhido uma que não poderia amansar. Eu estava certo na avaliação, não é?".

Ela lutou, lágrimas enchendo os olhos com a dor em chamas que rasgava seus ombros enquanto seu capturador puxava seu braço mais violentamente para as costas.

- "Deixe-a ir, Fuentes", Joe retrucou. "Ela não tem o que você quer".

Jose Fuentes segurava a cabeça dela no lugar, recusando-se a deixar que ela olhasse para Joe enquanto ele dava uma olhada rápida para o lado de Joe.

- "Ah, você está aí, agente Merino". O sorriso dele era doentio, uma paródia torcida de humor. "É muito gentil de sua parte se juntar a nós".

- "Jose, pegue o pacote dele e partiremos", Santiago retrucou. "Não temos tempo para jogos".

- "Nós temos tempo para o que quer que eu deseje, menino. Diego não está aqui para escutar o seu choramigo. Siga as minhas ordens".

Jose aumentou o aperto no rosto de Maggie enquanto ela finalmente gemia com a dor.

Os dentes dele brilharam dentro da expansão da carne cicatrizada e escura enquanto ria à socapa com o som.

- "Ela é uma mulher forte. Mulheres assim lutam contra a droga que Diego criou. Elas são as agradáveis pequenas putas depois que sucumbem, lutam e imploram na agonia de gozar".

Maggie estremeceu com a ameaça enquanto Jose soltava o rosto dela e a encarava sorrindo com desprezo.

- "Acho que deixarei o nosso agente Merino viver", ele suspirou. "Depois que eu o aliviar do pacote que parece que ele soltou".

Respirando severamente, Maggie girou a cabeça para o lado, vendo a forma sombreada de Joe de pé, as mãos erguidas atrás da cabeça enquanto um dos homens de Jose estava de pé atrás dele. O pacote não estava em nenhum lugar visível.

- "Deixe-a ir". Ele anuiu com a cabeça para Maggie. "Ela não tem nada a ver com isso".

- "Ela tem muito a ver com isso". Jose correu os nós dos dedos sobre a bochecha dela enquanto ela ia para trás em resposta. Ele riu um segundo antes de dar um tapa com as costas da mão nela. "Grant se certificou de nos provocar frequentemente com contos da esposinha fria que ele tinha. Eu gosto de mulheres assim. Frígidas, pequenas cadelas que pensam que seus corpos são muito bons para um pouco de sexo selvagem e suado".

A dor rasgava o corpo dela enquanto sua mente cegava com o soco, quase rasgando seu pescoço dos ombros com a força. Afundando contra o homem que a

segurava, Maggie lutou para respirar à medida que ouvia o riso áspero ecoando ao redor dela.

- "Eu levarei a Señora Samuels comigo", Jose declarou então. "Os vídeos fazem muito dinheiro. Ela fará bastante com os espectadores que gostam de assistir a batalha entre as necessidades da carne e as negações da mente. Eu a levarei como pagamento pelo meu trabalho".

- "Então você pode esquecer o pacote".

Os olhos de Maggie alargaram enquanto a arma de Jose surgia na cabeça dela.

- "Eu posso matá-la agora".

- "Mesma coisa. Eu sei onde o pacote está, você não".

- "Eu acharei assim que ambos estiverem mortos", Jose grunhiu furiosamente. "Eu não preciso de você para achar o pacote".

Joe deu uma olhada rápida em torno da garagem sombreada antes de se voltar para Jose, os lábios abrindo em um sorriso. "Boa sorte".

Um silêncio tenso encheu a garagem enquanto os olhos de Jose e Joe se encontravam em uma batalha de vontades. Momentos depois, Jose se curvou, pegando uma faca envolta no tornozelo e passando sobre as terminações nervosas de Maggie como uma serpente de advertência.

Enquanto ele a erguia e girava para Maggie uma vez mais, a mão dele ergue até a lâmina tocar a pele dela.

- "Quanto tempo você vai durar, meu amigo, enquanto eu começo a fatiá-la, centímetro por centímetro. O rosto bonito". A faca deslizou abaixo do queixo. "Ou estes lindos seios". Moveu para os seios enquanto Maggie lutava para se encolher. "Seria uma vergonha destruir tal beleza, agente Merino".

Maggie lutou para distinguir a expressão de Joe, ver através da luz escura fornecida pela lanterna de Jose que apontava mais para o chão do que para Joe. Deixava a expressão de Jose sombreada para ela, mas ela estava certa de que Jose tinha o foco exato para observá-lo bem.

Ela agitou a cabeça lentamente enquanto Jose a assistia. Não valia a pena. A quadrilha de Fuentes continuaria a matar, estuprar e mutilar se eles tivessem a permissão de ficarem livres. Mas ela poderia aguentar a dor que Jose causaria nela? Ela estava horivelmente com medo e não podia evitar.

- "Decida-se agora, Merino". A lâmina apertou na porção superior dos seios, picando a carne. "Não há mais tempo".

Enquanto a arfada de Maggie rasgava por sua garganta, uma luz brilhou na garagem, brilhante e intensa quando as sirenes começaram a explodir pelo interior. Maggie sentiu as mãos ásperas de alguém a empurrando para longe enquanto sentia a lâmina na carne e gritava com choque.

- "Fique abaixada".

Ela ouviu a ordem feroz de Jose em sua orelha enquanto era arrastada para o outro lado do precioso carro dele, o som de balas ao redor enviando um raio de medo pelo peito dela.

- "Filhos das putas", Joe gritou. "Tenham cuidado com a porra do meu carro!".

As portas da garagem abriram de repente enquanto os olhos de Maggie se ajustavam à luz, a visão de figuras de preto entrando fazendo júbilo correr pelo corpo dela.

Dentro de segundos estava terminado. Maggie se ajeitou, olhando para Joe enquanto ele se debruçava sobre ela, os lábios se curvando em um sorriso enquanto ela o observava surpresa.

- "Parece que Craig me conhece melhor do que eu imaginava", ele grunhiu com uma pequena risada. "Eu não conseguiria fazer isso com Grant, Maggie. Ele nunca teria percebido aonde eu ia até que não tivesse retornado".

- "Craig fez isto?", Joe a ajudou a ficar de pé, o braço curvando ao redor da cintura dela enquanto eles assistiam prenderem o time de Jose, Roberto, e seus capangas, sob a supervisão de Craig Allen, o promotor de justiça, Mark Johnson, e o promotor federal, Andrew Johnson.

Craig girou para eles lentamente, os olhos assistindo-os por longos e avaliativos momentos antes de ele erguer a mão, tocar os dedos na testa e anuir com a cabeça devagar.

- "Meu carro está arruinado", Joe suspirou.

Maggie virou para olhar o carro. Estava cheio de buracos de bala de um lado a outro.

- "Você pode consertar". Ela ainda respirava forte, dificilmente ousado acreditando que estava tudo acabado. As informações que eles precisavam tinham sido achadas, o grupo de Fuentes voltava a ficar sob custódia, e ela estava livre.

- "Que tal 'nós' o consertamos?", ele girou para ela, olhando-a com moderação súbita, os olhos castanhos quase pretos com emoção. "Nós podíamos redecorar a casa enquanto fazemos isso".

- "Nós?", ela sussurrou.

- "Nós". Ele anuiu com a cabeça devagar, erguendo os dedos para o arranhão que sangrava no peito dela antes de seu olhar voltar para o dela. "Eu não te deixarei ir novamente, Maggie. Nunca. Então para o seu bem, espero que você me ame tanto quanto eu te amo, porque se não, nós entraremos numa batalha dos infernos".

- "Nós estamos numa batalha dos infernos de qualquer maneira". Ela não podia parar de sorrir. Não podia parar de chorar enquanto jogava os braços ao redor do pescoço dele, sentia ele a envolvendo e percebia, naquele momento, que seus sonhos tinham se realizado.

Ela estava nos braços de Joe, e ele estava falando para sempre. E para sempre era uma boa coisa.

Epílogo

Três semanas depois

Joe encontrou a pequena tira de plástico com a linha marcando o resultado quando tinha se arrastado para fora da cama e entrado no banheiro.

Sono não era algo que ele tinha experimentado na noite anterior. Maggie, por outro lado—ele tinha experimentado bastante. Ele a tinha tomado até o ponto de estar certo de que sexo seria a coisa mais distante na mente por dias. Apenas para agarrá-la novamente, impossivelmente firme, desesperado para senti-la gozando em volta dele.

Ele olhava o teste de gravidez de farmácia, dificilmente ousando acreditar no que isso queria dizer. Naquelas semanas, desde que ele a tinha levado de volta para sua cama, havia uma criança se desenvolvendo. Uma criança que ele sonhava em ter a cada maldita noite em que ela estava casada com Grant.

Ele tinha vivido com medo de que Grant anunciasse a futura paternidade. Certo de que no momento em que ouvisse a notícia sua vida inteira se desintegraria. Por dois anos ele tinha vivido um inferno, dor, atormentado por memórias de Maggie e uma fome que nunca dormia. Uma fome que ainda não tinha dormido.

Como uma mulher minúscula tinha se enterrado tão profundamente dentro de seu coração sem que ele percebesse? Ainda assim Maggie tinha. Ele a amava de um modo que nunca tinha amado a primeira esposa. De um modo que desafiava seu próprio entender. Ele morreria por ela. Sem pensar. Sem remorso. Ele morreria por Maggie. E agora pelo filho.

Ele pegou a tira e a ergueu, sentindo um aperto no peito enquanto a emoção ameaçava subjugar-lo. E incrivelmente, ele sentia a ereção entre as coxas, o membro espessando, puxando enquanto a excitação começava a tomá-lo.

Maggie estava grávida.

Joe piscou de volta com a umidade que enchia os olhos enquanto o conhecimento o subjugava, debilitando os joelhos, e fazendo-o se sentir choramingando enquanto gemia de excitação e medo. Maldição, ele se sentia como um maldito adolescente com a primeira mulher. O corpo ardia com a consciência do laço que ele de repente estava ciente, e seu peito parecia muito apertado enquanto o coração parecia inchar com a superabundância de emoções que o inundava.

Ele voltou devagar a olhar o banheiro, os olhos naquela pequena linha colorida mostrando o resultado do teste.

-"Ainda há tempo para escapar".

Ele se virou, encontrando o brilho incerto no olhar de Maggie. O olhar dela se moveu do rosto até o membro, a expressão mostrando surpresa antes dos olhos retornarem aos dele.

-"Escapar?", ele estremeceu com o som da própria voz, rouca, irregular. "Maggie...", ele agitou a cabeça.

Filho da puta, havia palavras que ele deveria dizer agora mesmo. Algo poético ou romântico, algo que aliviaria a incerteza no olhar dela. Mas a garganta dele estava bloqueada com a emoção, o peito erguendo enquanto lutava para respirar.

Mas ele mal podia se mover, e o fazia sem esforço consciente. Ele soltou a tira com o resultado, andou a passos largos para ela, e dentro de segundos ele a tinha nos braços. Ela usava nada além da camisa dele e ele podia sentir o calor do corpo dela queimando o dele através do tecido. A emoção ameaçava subjugar-lo enquanto ele olhava nos olhos dela, via a esperança, os medos e o amor. Maggie sempre olhava para ele com tanto amor. Então lentamente, desesperado para senti-la, sentir a vida dentro dela, Joe ficou de joelhos enquanto envolvia os quadris dela com os braços, puxando-a para ele. Ele puxou a camisa dela para cima do abdômen, o rosto apertando contra a carne suave enquanto ele sentia a umidade que se recusava a evaporar dos olhos.

Porra, ele era um homem crescido. Homens grandes não choram.

-"Joe?", a voz dela era baixa, um doce e pequeno som cheio de esperança, amor, alegria e inocência.

Ele apertou os lábios contra a barriga dela, as mãos se movendo para agarrar os quadris e segurá-la bem apertado enquanto ele imaginava sentir a vida crescendo embaixo dos lábios, dentro do corpo precioso dela.

-"Eu amo você". Ele não podia dizer as palavras o suficiente enquanto sentia um tremor passar pelo corpo dele, pelo corpo dela. "Eu amo você, Maggie".

Então ele a estava puxando para ele, abaixando-a até o encarar, olhando aqueles olhos verdes bonitos e as lágrimas que corriam pelas bochechas.

-"Eu amo você, Joe". As mãos dela tocaram as bochechas dele enquanto ele alisava para trás as mechas vermelhas do cabelo dela que tinham caído através das bochechas. "Acho que isso significa que você ficou muito feliz sobre o neném, não é?".

O sorriso trêmulo dele fez um tique nos lábios enquanto ele lutava com os tremores que corriam pelo corpo.

-"Eu te quero de novo", ele sussurrou, arrastando a camisa dela para o pescoço enquanto ele lutava para remover a roupa odiada que ela tinha colocado.

Ela não precisava vestir roupas. Ele queria ver o corpo dela, queria assisti-lo mudar, ficar cheio com sua criança. Ele queria ver o brilho perolado da pele dela e sentir cada centímetro do cetim morno da carne contra ele.

-"Vamos nos matar desse jeito". O riso dela era espesso com excitação, com as mesmas fomes que o tomavam enquanto ele a deitava sobre o tapete e subia devagar sobre ela.

As coxas se separaram para ele, os joelhos curvando enquanto ele entrava entre eles, o membro se aproximando da entrada da carne ígnea e docemente excitada o aguardando. Os suaves lábios inferiores envolveram a cabeça de seu membro à medida que ele se dirigia contra a entrada de sua buceta, acariciando a

carne sensível, a fricção úmida fazendo os dentes dele friccionarem com o sutil e torturante prazer enquanto ele começava a tomá-la.

Maggie olhava para Joe, vendo o caminho das lágrimas que ele tinha vertido nas bochechas magras, a intensidade da emoção que escurecia seus olhos. O cabelo loiro escuro caía sobre a testa, suavizando as feições selvagens e os lábios pareciam mais suaves, famintos, enquanto ele a encarava.

Ele lentamente a enchia, ternamente, como que ciente da sensibilidade da carne interna dela depois da fome que eles tinham saciado na noite anterior.

Enquanto ele se apertava dentro dela, enchendo-a, estirando-a, os dedos deslizavam sobre as bochechas, os lábios acariciando a pele como se a estivesse memorizando com o toque, mesmo quando os olhos observavam cada detalhe.

- "Eu morri quando te perdi". O som da voz a chocou. Era gutural, espesso com a lembrança da dor.

- "Joe". Ela tentou agitar a cabeça, deter o fluxo de dor que podia ver nos olhos dele.

- "Não. Ouça-me. Agora". Ele apertou mais fundo dentro dela e de repente a junção dos corpos foi mais do que apenas prazer, ou ligação. Como se o abraço ficasse elementar, uma fusão de corpo e alma. "Eu não quero ser estúpido novamente, Maggie. Eu não quero esquecer a agonia que senti cada dia em que você viveu debaixo do telhado dele, que eu pensei que ele vivesse no seu coração. Porque eu não quero nunca mais ser estúpido novamente, Maggie. Nunca".

- "Como se eu fosse deixar, nunca mais", ela sussurrou, um sorriso tremendo nos lábios enquanto as lágrimas caíam dos olhos. "Eu amo você, também, Joe. E ir embora não é algo que eu farei novamente. Eu estou aqui. Para sempre".

Ele se moveu então, como se não pudesse evitar, os quadris movendo, golpeando contra ela enquanto sua ereção começava a empurrar lenta e bem profundamente dentro dela.

As costas dela arquearam com prazer enquanto um gemido escapava do peito. Deus, ela amava isto, senti-lo dentro dela, tocando-a, amando-a de um modo que ela sabia que nunca conheceria com outro homem. Somente com Joe.

- "Ah, Maggie", ele gemeu enquanto as mãos passavam pelo rosto dela, afundamento os dedos no cabelo enquanto se curvava para ela.

Os lábios gentis a beliscavam enquanto ele a olhava bem nos olhos. Ela podia ver o próprio reflexo no olhar escuro, como todas as emoções que transbordavam dele.

- "Amor, você enche a minha alma", ele gemeu enquanto começava a empurrar mais forte, o membro penetrando, acariciando as tenras terminações nervosas, a carne sensível, e criando uma chama de luxúria enquanto a fricção aumentava.

As pernas erguidas, envolvendo os quadris dele enquanto ela lutava para aprofundar o beijo, mantê-lo mais apertado contra ela enquanto ela sentia uma parte da alma se erguendo, iluminando, moldando enquanto ele a tomava com uma gentileza que ela não acreditava ser possível.

Parecia sem fim. Ele a beijou com fome voraz, mas suas punhaladas eram tenras, estirando sua vagina com golpes fáceis enquanto os dedos acariciavam o couro cabeludo. Ela podia senti-lo dos lábios até os tornozelos, movendo o corpo mais duro, mais forte, flexionando contra ela enquanto o prazer começava a apertar o corpo.

- "Joe. Oh Deus, é tão bom...", a cabeça se movia contra o tapete enquanto os lábios dele se moviam pelo pescoço dela, a língua na carne enquanto ele se movia mais para baixo.

- "Hmm. É muito bom, neném. Mas apenas com você. Por Deus, Maggie, apenas com você".

Maggie lutou para respirar enquanto os lábios dele moviam para os seios, a língua no mamilo firme um segundo antes do calor da boca envolvê-lo. A sucção firme da boca arrancou um severo gemido dos lábios dela antes dele começar a empurrar dentro dela mais firme, mais rápido, fodendo-a com uma profundidade e intensidade que fez o orgasmo espiralar pelo corpo e se precipitar pela alma.

Maggie estava mal ciente dos próprios gritos enquanto a liberação corria por ela, mas ela claramente ouvia Joe.

Severo, um grito gutural, quase animalesco, precedeu os tremores severos que rasgaram o corpo dele e a sensação da liberação dele pulsando dentro dela.

Exausto. Extasiado. Maggie se deitou mole no chão enquanto Joe desmoronou ao seu lado, respirando severamente.

- "Bem, essa é a primeira vez que fizemos no chão do quarto". Foi tudo o que ela pôde formar de coerente com as palavras, mas ela achava o pensamento divertido.

- "Já estava na hora então", ele arquejou ao lado dela.

A mão se moveu preguiçosamente para a barriga dela, os dedos alargando através da carne enquanto ele girava para ela.

- "Eu amo você, Joe". Não havia como conter o amar, ou a felicidade que floresciam dentro dela.

- "Eu adoro você, Maggie", ele sussurrou. "Pelo seu bem, espero que você possa viver com isto".

- "Sempre, Joe". Ela sorriu de volta para ele em pranto. "Sempre."

FIM